

THOT



Nº 50

1989

NCz\$ 2,50

MITOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO
O HOMEM PALEOLÍTICO
O QUE É NOVA ERA?
CONTEÚDO MÍSTICO DO GITANJALI

CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS



A Associação PALAS ATHENA do Brasil, entidade declarada de Utilidade Pública Federal (decreto 92.343), desenvolve ampla atividade cultural tendo como fundamentação precípua a vivência profunda dos valores filosóficos que norteiam as atividades humanas.

Entendemos que viver filosoficamente é a mais pura experiência de "dar", de entregar o que de melhor temos para construir aquilo que mais sonhamos. E sabemos que o tamanho de nossa obra terá a altura de nossos sonhos.

Portanto amigo leitor, venha nos conhecer, venha participar filosoficamente. Vale a pena!

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - S. Paulo - CEP 04003 - S.P. - Fone: 288.7356

GRÁFICA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - CEP 01523 - Cambuci - São Paulo - SP. Fone: 279-6288

CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza - CEP 12250 - Município de Monteiro Lobato - SP

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA

Rua Rio Branco, 16-22 - CEP 17040 - Bauru - SP

ÍNDICE

EDITORIAL	2
O CONTEÚDO MÍSTICO DO GITANJALI <i>R. RAPHAEL</i>	4
PSICOSSOMÁTICA – UMA INTEGRAÇÃO CORPO-MENTE <i>Dra. Verônica Rapp de Eston</i>	15
O QUE É A NOVA ERA? MOVIMENTO INGÊNUO OU RENOVAÇÃO DA CULTURA? <i>Pierre Weil</i>	19
A FUSÃO DOS OPOSTOS <i>Heinrich Zimmer</i>	24
NATIVIDADE <i>José Luiz Archanjo</i>	28
MITOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO <i>Luiz Carlos Lisboa</i>	35
X CONFERÊNCIA TRANSPESSOAL A VISÃO TRANSPESSOAL PASSADO, PRESENTE E FUTURO <i>Roberto Ziemer</i>	38
HOMEM PALEOLÍTICO, CONHECIMENTO, POSSIBILIDADES E DÚVIDAS <i>Jeferson Buscatto</i>	42

THOT

THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo **Kem**. É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de fênix, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basilio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

REDAÇÃO

Adriana De Cesare Testa, Jeferson Buscatto, Maria Léa Schwarcz, Neusa Santos Martins, Nilton Almeida Silva, Therezinha Siqueira Campos, Verônica Rapp de Eston.

REVISÃO

Beatriz Mokdessi Auada, Cinthia Suemi Moriyama, José dos Santos Matias, Marley Chamorro Las Casas, Maura Massari.

PRODUÇÃO

Aparecido Tenório da Silva, João Fernandes Filho, Maria de Lurdes de S. Rizardi e Sérgio Marques.

DISTRIBUIÇÃO

Alberto José Z. Lopes, Ieda de Paula, Marilene Ribeiro Sardinha.

EQUIPE THOT

Antonio Sérgio Ramos dos Santos, Carla Teso, Cláudia Cristina Trigo de Aguiar, Emilio Moufarrige, Flávio Rett, George Barcat, Geraldo Ribeiro Junior, Isabel Cristina M. de Azevedo, José Caruso, José Romão Trigo de Aguiar, Lucia Benfatti, Lucia Brandão Saft Moufarrige, Mara Novello, Marcus Vinicius dos Santos, Maria Inês Facchini, Nivian da Silva Sales, Teresa de Barros Velloso.

FOTOLITO CAPA

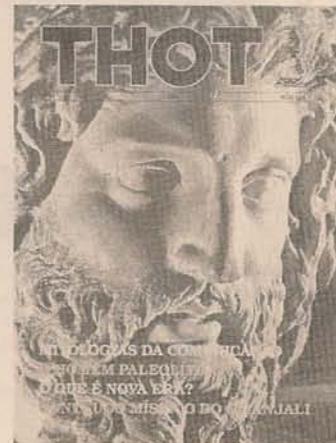
Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Rua José Bento, 384 (Cambuci) – CEP 01523
São Paulo - SP - Fones: 279.6288 - 270.6979

FOTOGRAFIA

Elaine Rodrigues



CAPA:

Zeus, soberano do Olimpo, reconhecido como Júpiter em Roma, representava, o Poder, a Justiça sobre os mortais e imortais.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: NCz\$ 15,00 (preço sujeito a alteração sem prévio aviso) – cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leôncio de Carvalho, 99 (Parafuso) – CEP 04003 – São Paulo-SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob nº 1586 P 290/73.



THOT Nº 50

14 ANOS DEDICADOS À CULTURA

E À EDUCAÇÃO!



EDITORIAL

Ainda não compreendemos que a vida é algo delicadamente frágil, que depende de uma organização complexa para se impor ao princípio de entropia. É por isso que podemos dizer que um inseto é várias vezes mais complexo que o sistema solar! Mas, infelizmente, os tamanhos impressionam em demasia...

No universo humano, nada é mais entrópico que a violência. Poluição, mentiras, subornos, inflação, omissões, são atitudes que desorganizam tanto a intimidade como o espaço público; os juízos se desorientam, a vontade se desestrutura.

A violência está tão generalizada que a confusão e o desequilíbrio psicológico evidenciam-se em progressão geométrica. O pensamento – entendido como exercício do discernimento – é o único antídoto possível.

Teorias que analisam o que está acontecendo, temos tantas quantas quisermos; contudo, ainda não aprendemos a elaborar e qualificar o supremo ato da liberdade: a escolha.

O ato de escolher é um diálogo com as seduções do mundo. É um ato que desmascara os desejos de consumo e desperdício. Quem sabe escolher tal ou tal modo de agir, valoriza as horas de cada dia. A escolha é, pois, a melhor proteção que a vida pode ter contra a violência.

Durante toda a sua existência, a revista THOT não tem pretendido outra coisa senão propor abertamente a escolha, isto é, a capacidade de discernir, fonte e origem da liberdade.

Para além de todo o pseudoconhecimento e de toda pseudo-mística, a liberdade é a única ação capaz de reencantar o mundo.

George Barcat



O CONTEÚDO MÍSTICO DO GITANJALI

R. RAPHAEL

PARTE I

Os grandes críticos concordam, geralmente, que os conceitos de poesia e misticismo se confundem. T. S. Eliot, por exemplo, diria que “o percurso de um artista é um contínuo auto-sacrifício, uma contínua extinção da personalidade”. O que Eliot diz do poeta é também eminentemente verdadeiro para todos os místicos. O misticismo genuíno é uma tentativa, por parte da alma finita, de escapar de sua própria consciência do “eu”, do “mim” e do “meu”. O assiriologista Walter Andrae disse uma vez que “é função da arte apreender as imagens primordiais – ou não é arte”. Eis, repetimos, uma tarefa muito séria, mais facilmente realizada pelos místicos do que pelos poetas. De fato, muitos escritores, como Charles Morgan, mostraram que um poeta é capaz de escutar ou “capturar” a música “inaudível”, apenas na medida em que sua imaginação criativa esteja mais impregnada de anseios espirituais do que pela sensualidade. Não se pode duvidar que a sensualidade dá vida e imediatez a uma obra de arte, mas a profundidade e a universalidade têm origem nos elementos espirituais.

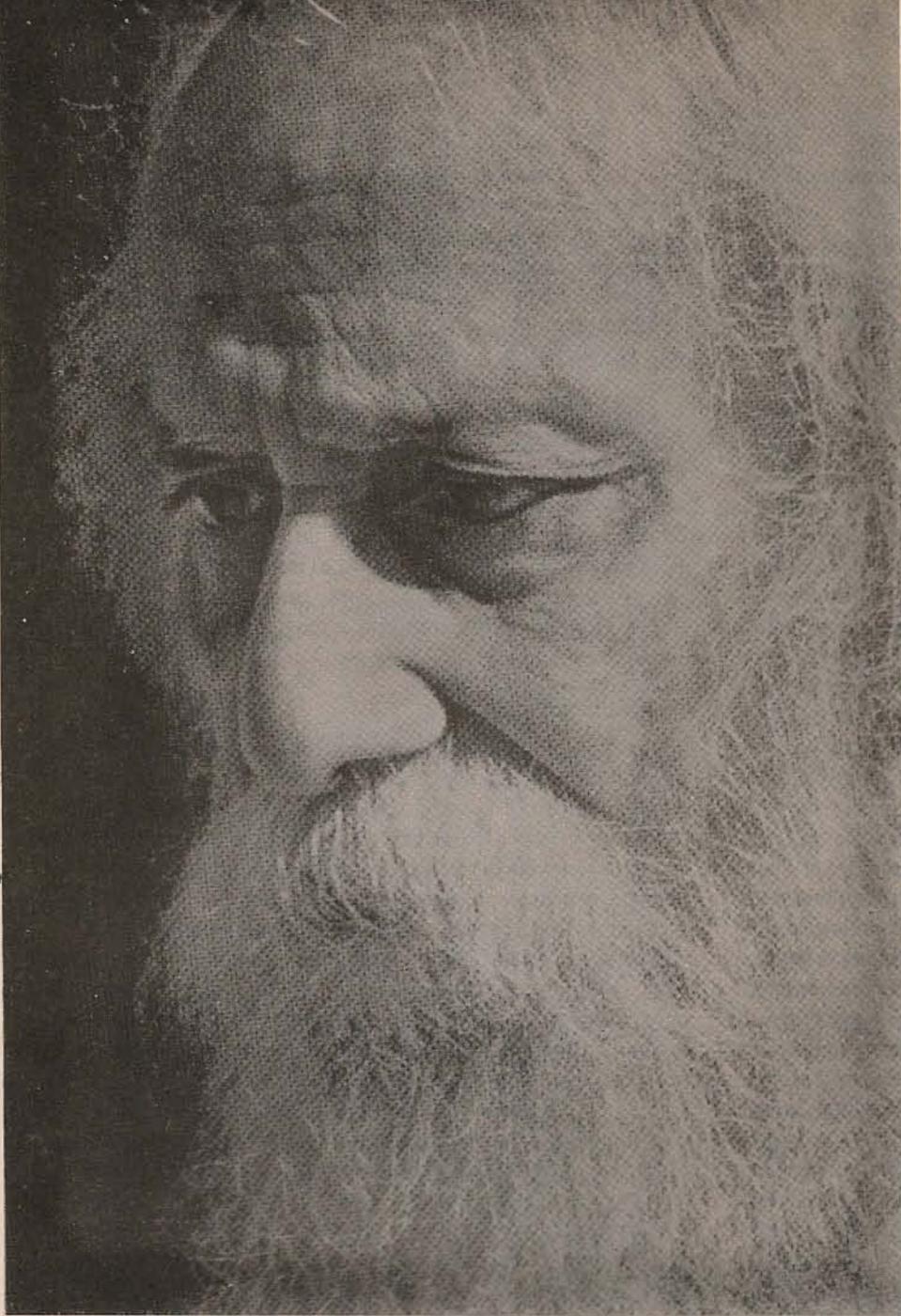
Está claro não apenas que inexistem uma oposição entre poesia e misticismo, mas também que estes são mutuamente complementares. O poder “vita-

lizador” da arte nasce do contato da mente do artista com o arquétipo. Em consequência, toda obra de arte genuína é uma encarnação ou manifestação da essência eterna das coisas.

A finalidade implícita deste artigo é defender o misticismo e a cultura indiana da acusação de pantefismo. Especificamente, no entanto, farei uma análise do *Gitanjali* com a perspectiva de descobrir a fonte última de sua inspiração. Minha modesta tese é que um poema como o *Gitanjali* não poderia ter sido criação de uma cultura pantefista e acósmica.

W. R. Inge, considerado por Evelyn Underhill uma autoridade confiável em misticismo, diz em seu famoso livro *Misticismo Cristão* que “o mundo é o poema da palavra para a glória do Pai: nele, e por meio dele, Deus torna manifestas todas as riquezas que colocou eternamente em seu interior”. Nestas poucas linhas, Inge não apenas mostra a essência do misticismo de São João – que é quase idêntico ao misticismo cristão – mas revela também a íntima conexão existente entre poesia e misticismo.

Todos os homens são, no fundo do coração, idealistas. Mesmo o frio materialista e o pragmático. Todos, em alguma fase de suas vidas inspidas, apai-



Tagore em Santiniketan (1939)

xonam-se pelo grande mistério do Ser. Chamam-no de “o Uno”, “o Bem”, “o Belo”, “o Absoluto” e mesmo “Deus”. Para Platão e a coorte de seus seguidores, incluindo Plotino, a Verdade representava-se como “o Uno”; Parmênides também a considerava de modo análogo. Já Dante a vislumbrava como a bela Beatriz, que era, para ele, um elo tangível entre o visível e o invisível. Outros, amantes da natureza, encontravam nesta a presença da eterna Luz inciada:

uma sublime sensação de algo profundamente interligado cuja morada é a luz do pôr-do-sol.

Em seu amor à natureza, Tagore assemelha-se a Wordsworth e sua religião é a mesma religião revolucionária de Shelley. Como Wordsworth, ele nos

diz ser dever dos poetas e artistas descobrir nossa afinidade com o mundo que nos cerca. Nossa autodescoberta na natureza e através dela só é possível porque podemos identificar-nos com ela por meio de um amor congenial. Através do amor, o homem objetiva seu eu; o que descobre na natureza não é apenas esse mesmo eu mas também o ritmo vital do mundo silencioso. Nas palavras de Tagore: “Por isso é que sentimos que este mundo é uma criação; que em seu centro há uma idéia assaz viva que se revela em uma eterna sinfonia, tocada por inúmeros instrumentos, todos em perfeita cadência”.

Como poeta, Tagore nutria um amor vigoroso pelas coisas da terra. O homem encontra sua perfeição e descobre sua verdadeira personalidade compreendendo o verdadeiro valor do mundo material e

não fugindo dele. Como diz Tagore na estância VIII do *Gitanjali*:

Mãe, não vale a pena essa tua prisão luxuosa, desde que ela exclui a gente da poeira saudável da terra, desde que ela priva a gente do direito de entrar na grande feira da vida comum dos homens.

O homem só pode realizar sua humanidade em comunhão com a "poeira saudável da terra". Ele sustenta sua afirmação com a ajuda de poetas românticos como Wordsworth, Shelley e Keats, cuja percepção sensorial da realidade os transporta para além das margens da existência temporal. Podemos dizer então, como Blake, que todos estes poetas, incluindo Tagore, seguraram na palma da mão o infinito e a eternidade, em momentos de inspiração criativa. Viam a Terra imensa como uma expressão do Infinito que criou a vasta galáxia de objetos estelares e terrestres, para que o homem pudesse conhecê-Lo e amá-Lo.

Conclui-se, destas reflexões, que visionários, místicos e poetas são pessoas dotadas de uma elevada forma de consciência. Abordam a realidade não como uma sombra inalcançável, mas como o próprio centro de sua experiência. Os místicos e poetas percebem a presença de uma realidade supra-sensorial através da intuição e da contemplação. Quando transcendem as limitações temporais e experimentam a vida unitiva num plano de existência diferente, sentem enorme dificuldade em traduzir o que vivenciaram, numa linguagem comum. Fazem uso extensivo, portanto, de símbolos de deificação: o amante e o amado, o noivo e a noiva, a fim de testemunhar o que Eucken definiu como "o advento de um triunfante Poder Espiritual".

A percepção intuitiva do "Real" é, pois, o substrato sustentador de toda a obra de arte permanente. Contudo, existe uma diferença muito importante entre poesia e misticismo. Qualquer que seja a dependência do poeta de seu ambiente e da tradição recebida, o mistério supremo de sua poesia e de sua força devem ser procurados na vitalidade de sua própria personalidade. Em última análise, todos os poetas e artistas são individualistas. T. S. Eliot erra redondamente quando pede a impersonalidade na arte e poesia. Evelyn Underhill esclarece muito bem este ponto quando afirma: "Assim como um gênio, em qualquer arte, é — em termos humanos — a manifestação máxima de um poder que todos os indivíduos detêm num nível rudimentar, assim também o misticismo pode ser considerado como a manifestação máxima, a expressão ativa, de um poder latente em todas as raças: o poder, por assim dizer, de perceber a realidade transcendente".

De fato, o gênio é uma possessão individual enriquecida pela tradição, mas o misticismo é algo racial. Nem todas as raças têm uma mentalidade de inclinação mística. Os gregos possuem um radioso naturalismo, enquanto os ingleses têm certa atração pelo materialismo. A Índia, porém, é uma terra de misticismo. Ela sabe que a centelha da alma ou da imaginação, onde o Espírito descansa, é "o alicerce comum da imaginação criativa e da vida mística". Portanto, Blake identifica "Imaginação Divina" com "Gênio Poético" e até mesmo com o Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade. E quando, em seu *Descriptive Catalogue*, ele declara que "a pintura, bem como a música e a poesia, existem e regozijam-se em pensamentos imortais", está, na verdade, dizendo que a arte e o misticismo têm a mesma fonte de inspiração, a qual, de acordo com Ananda K. Coomaraswamy, é o próprio Deus.

Entretanto, um místico está fadado a não se comunicar. Como São Bernardo, ele guarda seus segredos para si próprio. Porém a arte é uma comunicação efetiva e o artista não pode conservar-se reticente. Tem como dever expressar algo do que viu e sentiu, em benefício da humanidade. Está fadado, pois, a manifestar seu amor. Em seu culto à Beleza Perfeita, a fé precisa ser equilibrada pelas obras. Por meio de véus e símbolos, o artista deve interpretar suas livres visões, seus vislumbres da sarça ardente, para outros homens cuja imaginação não consegue atingir tais alturas celestiais. "Ele é o mediador entre seus irmãos e o divino, pois a arte é o elo entre aparência e realidade".

Também no *Gitanjali* temos uma interpretação da vida e dos costumes num diferente e exaltado plano de existência. Tagore traduz suas experiências em termos inteligíveis ao homem comum. De fato, o *Gitanjali* é tão simples e seu estilo tão claro e lúcido que muitas vezes sua estrutura complexa engana o leitor desatento. É uma obra cujo tema é a "busca". A busca da fonte primeira de todas as coisas, da Jerusalém celeste.

Quando um poeta tem diante de si uma tarefa como esta, ele faz uso de elaboradas figuras de linguagem, de alegorias, imagens e símbolos de diferentes espécies. No entanto, como o artista mantém uma proximidade maior com o mundo fenomênico das sensações, descobrindo-lhe o ritmo, a beleza e harmonia, seu sistema simbólico, apesar dos diferentes níveis de ambigüidade, é mais sensorial e inteligível do que o dos místicos, os quais se mantêm em relação mais íntima com o mundo transcendental.

Com freqüência, tanto o místico como o poeta tentam superar as limitações impostas pela insuficiência da linguagem, por meio de um uso excessivo de símbolos, cores e ritmos. Eles percebem que a experiência da música tem a capacidade de recapturar suas visões imaginativas ou místicas.

Sem dúvida, a música tem o poder de suscitar em nós uma resposta dinâmica ao poder vitalizador do cosmo e de nos brindar com uma paz incomparável que acalenta, num sono solene, nossas faculdades exaustas. A fonte da música situa-se no coração da humanidade. Desconhece barreiras nacionais ou geográficas. Para o pai do misticismo inglês, Richard Rolle de Hampole, a música da alma corresponde à cadenciada harmonia do universo espiritual. Para Tagore, o mundo, em sua totalidade, é uma música entoada pelos deuses.

Este fato está claríssimo no *Gitanjali*, cuja existência só é possível dentro do simbolismo musical. Mesmo o motivo da busca do Absoluto é expresso por esse simbolismo. A alma pleiônica de Tagore, tendo saboreado a doçura do amor eterno, flui numa canção de amor:

*Levaste por montes e vales esta
pequena flauta de cana, e soprando-a
atravessaste-a de melodias sempre novas.*

(*Gitanjali*, I)

Tagore é esta “pequena flauta de cana” na qual Deus canta Sua eterna canção de amor. Deste modo, o simbolismo em questão é a chave para a compreensão do *Gitanjali*. Isso acontece devido à própria personalidade do poeta ser bastante suscetível ao encantamento rítmico da música. Observem, por exemplo, que o seu *The Genius of Valmiki* é um drama musical. A música sempre foi a paixão de sua vida e, sendo também compositor, afirmava que certos poemas desta peça não deveriam ser lidos sem seu acompanhamento musical.

No *Gitanjali* experimentamos não apenas a harmonia terrena, mas também o doce repouso de uma musicalidade divina. A música de Tagore brota de seu próprio coração, que é a morada do Homem Universal. As descrições extasiadas de suas experiências internas são adornadas com as jóias do simbolismo musical. De fato, o amor vibrante e alegre, ao final de suas autopurificações, toma a forma de canção. O “amor ardente” de Tagore torna-se tão naturalmente “amor-cântico” porque tanto sua personalidade como suas teorias estéticas propiciaram isso.

A palavra mais importante na estética do poeta é **harmonia**. A poesia, por exemplo, é a expressão de uma harmonia interior. Embora a harmonia exista em todas as coisas, somente o homem pode ser um artista criativo porque apenas ele é capaz de percebê-la. Percebe-a por conhecer a si mesmo e ao mundo. Ao conhecer o mundo externo, volta-se para seu próprio mundo, uma vez que se torna, ou pelo menos tenciona tornar-se, aquilo que conhece. Nas palavras de Tagore: “Mas o poeta que há no homem sabe que a realidade é uma criação, e a realidade humana tem que

ser evocada de sua obscura profundidade através da fé, da criativa fé do homem”.

Há uma grande alma, uma *anima mundi*, que penetra os mundos orgânicos e inorgânicos, fazendo-os inteligíveis. Existe, pois, uma unidade fundamental entre todas as criaturas de Deus, manifestada por meio da atração que homem e mundo têm um pelo outro. Ou, como diz Tagore: “O mundo e o homem individual estão face a face, como amigos que se questionam e permutam seus segredos mais íntimos!”.

*No papel de Valmiki, em sua própria peça “Valmiki-Pratibha”,
Calcutá, 1885*



Para criar obras de arte, o homem precisa conhecer sua interioridade; ela é a consciência de nossa integridade e da Unicidade que há em cada um de nós. Segundo o poeta, “o verdadeiro princípio da arte é o princípio da unidade”. É a consciência da unidade humana não apenas com a multiplicidade de seres criados, mas também com a própria origem destes, com a *causa incausata* de todas as coisas finitas. Daí que as belas obras de arte sejam “simbólicas daquela verdade espiritual que é o parentesco amoroso do homem com o Infinito... (elas são) o UM que expressa a si mesmo, na criação; e a multiplicidade, cessando sua oposição, torna perfeita a revelação da unidade”.

Em Tagore, o conhecimento é sempre pessoal e emocional. Quando puramente abstrato ou impessoal pode nos dar informações, mas não revelar-nos a “verdade” sobre as coisas. Este último conhecimento “é parcial, pois nosso intelecto é um instrumento; é apenas uma parte de nós; pode informar-nos sobre coisas passíveis de serem divididas e analisadas, cujas propriedades podem ser classificadas, parte por parte. Mas Brahma é perfeito, e o conhecimento parcial jamais pode ser conhecimento a respeito d’Ele. Ele pode, porém, ser conhecido através da alegria, do amor. Porque a alegria é conhecimento em sua totalidade; é conhecer através de todo o nosso ser. O intelecto nos separa das coisas a serem conhecidas, mas o amor as conhece através da fusão. É um conhecimento imediato que não admite dúvidas. É, afinal, o mesmo que conhecer a nós próprios”.

Quando um homem compreende esta unidade de todas as coisas em si próprio, torna-se criativo. A criatividade é uma espécie de harmonia, um tipo de música: a música de Deus. Em outras palavras, quando o homem compreende sua infinitude e divindade, o divino nele torna-se o criador, e ele, um meio adequado para que o divino prossiga seu *līlā*¹ da criação, sua dança eterna – ou seja, o conhecimento não vem de fora. O espírito ou *logos* de Deus está dentro de nós; o próprio Deus é o olho e a luz da alma, bem como o objeto que vê. Não somos nós que O conhecemos e sim Deus que conhece a Si mesmo em nós: somos meramente Seu instrumento. Ao compreendermos esta grande verdade, nossas almas transbordam de alegria e a alegria é a razão suprema da exuberância criativa humana. Assim, a obra de arte “revela em sua forma uma unidade para a qual tudo o que parece múltiplo, nela se relaciona de tal modo que, de uma maneira misteriosa, faz soar cordas que vibram em harmonia com a música da unidade em nosso próprio ser”.

Tagore foi um filósofo idealista, espiritualista e não dualista, que pregou a doutrina do personalismo universalista, que usou engenhosamente para contestar o materialismo. Para ele, a matéria é uma pura abstração, destituída de realidade: “A matéria, enquanto matéria, é selvagem, solitária, pronta para ferir.

Comporta-se como nossos impulsos individuais que buscam a ilimitada liberdade do desejo. Se abandonada a si mesma, é destrutiva”.

O poeta aceita a teoria da evolução, que para ele representa uma significativa evolução teleológica, ressaltando os aspectos superiores e sutis do Espírito e não os aspectos grosseiros do corpo perecível. A natureza parece ter decidido, há muito tempo atrás, que o Espírito é mais poderoso e mais real do que a carne. Nas palavras de T. C. Sharma: “Tagore, um espiritualista descompromissado, deu um novo ímpeto ao idealismo e derrubou a doutrina grosseira, ilógica e, portanto, ilusória, do materialismo; e o fez recorrendo aos fatos da evolução”.

O fim da evolução é a manifestação da Pessoa Suprema, daí que a própria filosofia de Tagore possa ser chamada de personalismo universalista. Considerava o corpo humano não apenas como o receptáculo da vida, mas também como indispensável à personificação do Espírito impessoal e universal, Brahman.

Em seu ensaio *A Religião do Poeta*, Tagore declara que existe em nós um “ideal de perfeição”, uma “intuição da unidade” e um “mistério de Unidade”. Diz ser esta intuição da unidade o resultado da percepção do “UM”. Quando nos conscientizamos desta “unidade em nós”, tornamo-nos imensamente alegres, e “a alegria da unidade dentro de nós, buscando expressão, torna-se criativa”.

A finalidade da arte é revelar a verdade maior de nossa personalidade. Não é a clareza o aspecto mais importante desta verdade, mas sim a “civilidade” que “revela o próprio homem”:

Contrariamente aos animais, que são tolhidos pelas necessidades e limitações de sua existência, o homem é uma criatura “excessiva”. É claro que, como todos os animais, o homem precisa também “conhecer, pois precisa viver. Porém, dispõe desse ‘excesso’ que lhe permite afirmar orgulhosamente o conhecimento pelo conhecimento. Existe aí o puro e simples desfrute de seu conhecer, pois este é liberdade. Sobre tal alicerce de excesso erguem-se sua ciência e filosofia”.

O amor ao conhecimento pelo conhecimento não é apenas a única energia excedente do homem. Nele também existe, por exemplo, um certo senso de altruísmo. Mas, à diferença dos animais, isso não se refere apenas à proteção de sua raça. O homem é bom para os outros não só porque a bondade é necessária à sobrevivência de sua espécie, mas também porque ama a bondade pela bondade. Este é o amor que dá origem ao nosso senso moral e, finalmente, à ética.

Tagore prossegue dizendo que o homem também possui um excedente de energia emocional, manifestado através de seus sentimentos de prazer e dor, medo, raiva e amor. “Este excedente busca vazão



na criação artística, pois a civilização humana é construída sobre tal excesso”.

Não apenas a civilização, mas também todas as artes são construídas sobre este excesso. A poesia nada mais é do que uma idéia emocional encarnada numa forma rítmica. Esta idéia, ao fluir através do ritmo e permear as palavras, dá à poesia uma qualidade dinâmica que a faz participar do eterno espetáculo do mundo.

Portanto, para Tagore, a poesia é a expressão de algo interior, subjetivo, de algo que é Uno, ou seja, da Personalidade superior da humanidade, à qual o homem pode dar expressão porque sua energia excedente capacita-o a ponderar sobre o imponderável. A poesia dá à “nossa personalidade a liberdade desinteressada do eterno, colocada em sua verdadeira perspectiva. Ver nossa casa em chamas não é ver o fogo em sua verdade. Mas o fogo nas estrelas é o fogo no coração do Infinito; lá está a escritura da criação”.

Toda a arte é personificação no sentido de que revela a Pessoa real oculta por detrás da máscara das aparências. A obra artística revela nada mais nada menos do que o próprio artista, que é um microcosmo no interior de um grande macrocosmo. Os objetos ex-

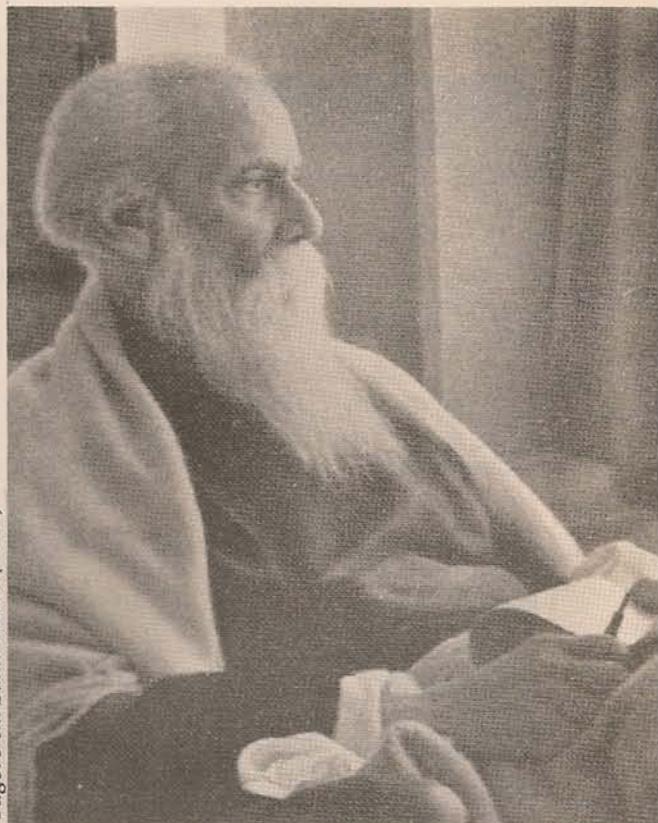
ternos enquanto objetos externos não lhe dizem respeito porque carecem de espiritualidade. O artista é tão auto-suficiente e sua personalidade tão versátil e abrangente, que para ele não há nada cujo valor seja permanente a ser aprendido no mundo exterior. Pela introspecção e contemplação, descobre sua própria personalidade espelhada nos objetos multifacetados de sua percepção. Tagore não nega a existência do mundo empírico extramental. Apenas, pergunta: “Este mundo aparente é o mundo humano..., e não o mundo abstrato da física ou metafísica. Qual é, então, a sua verdade?”; dando ele próprio a resposta: “Tal verdade não está na quantidade de objetos materiais, mas em sua mútua relação universal. Uma gota d’água não é uma reunião particular de elementos, mas a interação destes. Na realidade a matéria é uma abstração para nós; ... não a percebemos diretamente. Vemos uma flor, e não sua matéria. Num laboratório a matéria tem seu uso, mas nenhuma expressão. Expressa-se através da criação.” Expressão que só é possível através da imaginação criativa do homem. Como o célebre filósofo humanista neo-escolástico Jacques Maritain, seu grande admirador, Tagore defendia a tese de que o mundo primevo de forças elementais deveria ser transformado

e humanizado antes que estas pudessem ser empregadas efetivamente pela poesia. Uma vez que a verdade fundamental deste universo é seu **estar em relação** e sua **mutualidade**, o mundo da matéria bruta e indomada luta, por meio de um dinamismo interno, para humanizar-se. A missão divina do homem é descobrir, através da imaginação, sua empatia com o mundo silencioso que o rodeia.

Antes de se tornar um objeto adequado à tradução poética, o mundo grosseiro deve ser impregnado de suficiente espiritualidade; e esta será sua tradução permanente. Como o poeta consegue isso? Tagore responde: o mundo grosseiro “transforma-se completamente em nosso próprio mundo ao inserir-se no âmbito de nossas emoções. Com nosso amor, ódio, prazer, dor, medo e maravilhamento operando de forma contínua sobre ele, o mundo torna-se parte de nossa personalidade. Cresce com o nosso crescimento, transforma-se com nossas transformações. Somos grandes ou pequenos, conforme a magnitude ou pequenez dessa assimilação, de acordo com a qualidade de sua soma total. Se nos fosse tirado esse mundo, nossa personalidade perderia todo o seu conteúdo”.

Fiel à perene tradição indiana, Tagore afirma aqui a verdade da harmonia cósmica. Ele considerava o Universo como uma vasta sinfonia regida pela instrumentação orquestral dos mundos. Se pudéssemos entender esta sinfonia cósmica e o significado do Universo como um todo, todos se tornariam poetas e místicos. Neste drama cósmico, há um tema principal do criador – e os temas secundários do homem e do mundo. Em sua obra *A Religião do Poeta*, Tagore trata da relação harmoniosa entre esses temas. Afirma que o mundo da multiplicidade deixa de significar separatividade, sem qualquer violência ou distorção, em razão de uma influência alquímica (e não de uma influência catalisadora) exercida pela imaginação que transmuta o que nos rodeia em nosso próprio mundo. A imaginação descobre a unidade e a afinidade humana com o Universo porque este contém em si “um elemento profundamente relacionado com minha própria mente imaginativa, ... é algo muito próximo a nós, e harmonizado, portanto, com nossa imaginação. Ao descobrir algumas cordas vibrando em uníssono com outras, compreendemos que essa simpatia contém em si uma realidade eterna. O fato de que este mundo excita nossa imaginação, nossa empatia, demonstra que esta imaginação criativa é uma verdade comum tanto a nós como ao coração da existência”.

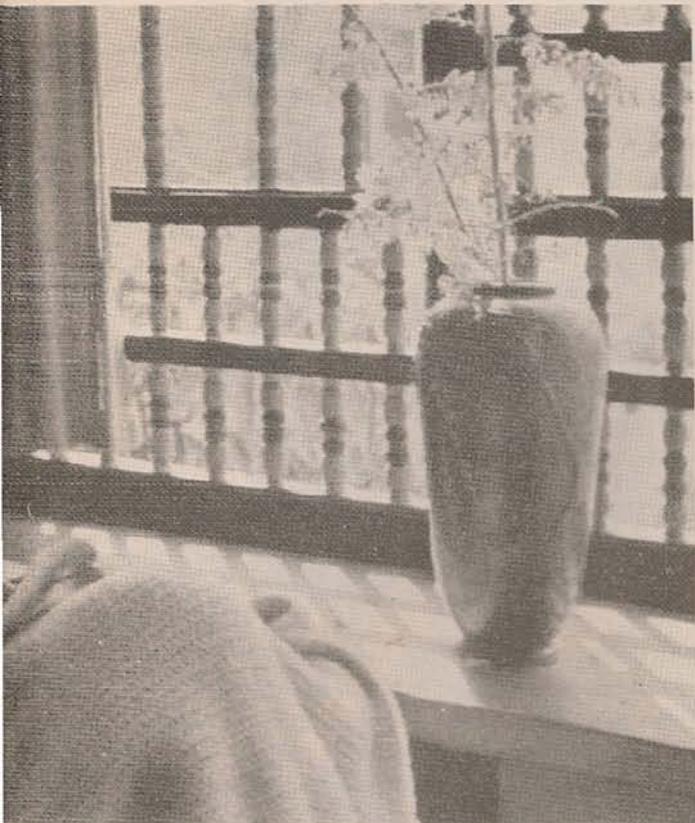
Por detrás da complexa teia de diversidades e aparências, a imaginação vê a realidade que dá permanência às coisas. A alegria proveniente da sensação de unidade entre existência e experiência é um dos temas fundamentais da estética de Tagore. Ele defende sua tese com o apoio da tradição vedantina e das *Upnishads*.



Tagore em Santiniketan (1941)

A Índia não faz qualquer distinção entre a beleza sagrada e a secular. Ela, diz o poeta, “considera como locais de peregrinação os santuários, os palácios, enfim, todos os lugares agraciados pela natureza com uma particular beleza ou esplendor”. Uma vez que o belo é também o sagrado, os artistas e os poetas que tentarem discernir a alegria desta unidade devem ser humildes, despretensiosos e inocentes como crianças. As crianças têm um acesso maior à divindade. Cristo já deu esse testemunho; e Wordsworth alude a isso em seus poemas. Tagore acrescenta: “A criança em nós vislumbra, em relances, seu eterno companheiro, por detrás do véu das coisas... Esse companheiro é a Realidade, que torna possível à criança encontrar deleite em atividades cujo caráter não é informativo ou utilitário, mas simplesmente expressivo”.

A função da arte é comunicar e a do artista é expressar a si mesmo o melhor que puder. Tagore acredita firmemente que todas as nossas comunicações criativas são acompanhadas de alegria. Nisto, aproxima-se muito de Aristóteles, que sustentava que não apenas o aprendizado, mas todas as nossas atividades, quando bem feitas, têm no prazer que as acompanha um elemento necessário e concomitante. Há, então, alegria na vida e na criação artística. O poeta nos adverte para que não julguemos uma obra de arte “segundo seu ajustamento a um padrão universalmente compreendido, ou sua interpretação filosófica da vida, ou utilidade para resolução de problemas cotidianos, ou ainda, por sua capacidade de expressar algo peculiar ao gênio do povo ao qual o artista pertence”.



Qual é então a natureza do belo para Tagore? Para ele, a beleza é algo real e significativo. Em seu ensaio *O Ideal Criativo*, oferece-nos uma expressão poética de sua noção de beleza: “Toda a linguagem da alegria é beleza. É necessário notar, porém, que a alegria não é prazer e a beleza não é o mero ‘bonito’. A alegria é consequência do desprendimento do eu e vive na liberdade de espírito. A beleza é aquela profunda expressão da realidade que satisfaz nossos corações sem que nada mais nos atraia a não ser seu valor intrínseco. Quando, em alguns momentos de puro êxtase, nós a percebemos no mundo em torno, vemos a este não apenas como simplesmente existente, mas ornamentado com suas formas, sons, cores e linhas; sentimos em nossos corações a existência d’Aquele que proclama através de todas as coisas: ‘Rejúbilo-me com minha criação’ ”.

Aqui a estética de Tagore penetra, por fim, nos domínios do misticismo. O objeto deste é o próprio Deus, causa primeira e final de tudo que existe de maneira contingente. A meta da poesia é também tornar-nos capazes de tomar o rumo da fonte da vida, isto é, de Deus. Diz o poeta: “Nesta vida de intensa comunhão social, o homem sente, como na música, o mistério do Universo. E no sentimento desta unidade o homem sente o seu Deus”.

Aqui dá-se a coincidência entre poesia e religião. Mas uma não substitui a outra, no sentido arnoldiano. A identidade da poesia com os valores religiosos não é acidental. Para Tagore é uma identidade essencial. Diz ele: “O homem é verdadeiro onde sente

sua infinitude, onde é divino, e o divino é, nele, o criador. Portanto, atingindo esta verdade ele cria, pois só pode viver verdadeiramente no âmbito de sua própria criação, fazendo do mundo de Deus seu próprio mundo”.

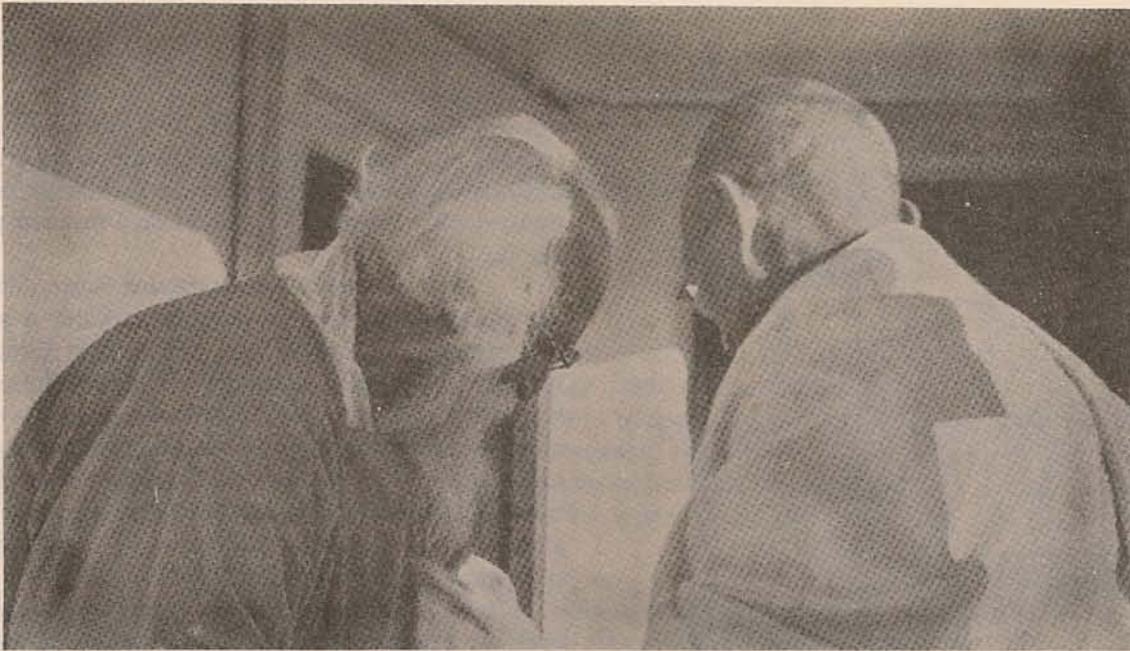
O *Gitanjali* é uma mística canção de amor. Um poema devocional que tenta exprimir a sede de uma simples alma por Deus. Seu escopo é religioso. Propõe uma religião universal e intensamente pessoal, fundamentada na convicção de que o supremo tem sua morada eterna no cerne da criação. Semelhante à *Imitação de Cristo*, de Thomas Kempis, o *Gitanjali* é o transbordar criativo de uma alma que saboreou a mais alta doçura na fonte da vida, e que foi vencida por sua beleza e encantos extraordinários.

A cultura indiana é mística, religiosa e poética; sua poesia de sábios e videntes habita solos sagrados, estando estreitamente vinculada à religião e à cultura. Isso deu-se também com os profetas hebreus e os salmistas, em cuja poesia o profético e o religioso fundem-se num todo harmonioso. Eis porque W. B. Yeats observou que o *Gitanjali* é uma “obra de uma cultura extraordinária”, e o fruto mais maduro de “uma tradição onde poesia e religião são a mesma coisa”.

Tagore realiza a fusão do poético e do religioso porque a cultura indiana fundamenta-se na convicção de que o Supremo é imediatamente perceptível através do constante fluxo deste mundo. Muito antes de Ernest Cassirer, Heinrich Schenker, Louis Armand Reid e Kurt Goldstein, os sacerdotes indianos conheciam a relação dinâmica entre os mitos, os símbolos, a poesia, a religião e a cultura. Conforme Tagore, “a literatura indiana é religiosa, porque Deus para nós não é distante; Ele habita tanto nossos lares como nossos templos. Sentimos Sua proximidade em todas as relações humanas de amor e afeição... nas estações das flores e dos frutos, no irromper das chuvas; na plenitude do outono vemos a fímbria de Seu manto e ouvimos Seus passos”.

Os grandes Evelyn Underhill e W. R. Inge consideram o *Gitanjali* como uma obra mística. Num estudo do poema publicado em *The Nation*, em 16 de novembro de 1912, Evelyn Underhill escreve que “apenas os clássicos da literatura mística estabelecem um padrão segundo o qual esta generosa ‘Oferecida de Canções’ pode ser avaliada ou compreendida”.

Von Hartmann há muito nos disse que a essência do misticismo não é o quietismo, nem o êxtase, o ascetismo, o alegorismo, o simbolismo fatalista, a obscuridade de expressão, a religião generalizada, a superstição, nem a soma de todas estas coisas. Diz, mais, que o misticismo apoiou-se no Evangelho de São João para a revolta contra o escolasticismo da Idade Média, para a Reforma e para o surgimento da moderna filosofia alemã. Em outras palavras, o misticismo



O Poeta com Gandhi, em 1940.

aparece na religião como reação ao árido ritualismo e ao formalismo; na filosofia, opõe-se ao materialismo e ao ceticismo; na poesia, coloca-se contra as regras formais do classicismo.

O próprio Tagore era um de seus revolucionários, e o *Gitanjali* dá expressão à sua revolta nestes versos:

*Eles vêm com suas leis e seus códigos
para logo me prenderem; mas eu lhes fujo
sempre, porque estou apenas esperando o
amor para todo me abandonar finalmente
em suas mãos.*

*Os outros censuram-me e chamam-me
negligente; não duvido que tenham o di-
reito de censurar-me.*

*Para o mercado o dia terminou e está
todo feito o trabalho dos que trabalham.
Esses que vieram chamar-me em vão volta-
ram enraivecidos.*

(*Gitanjali*, XVII)

O poeta foi um rebelde à sua própria maneira, o que não se deu por mero acidente. O período em que nasceu estava prenhe de uma pulsante e efervescente ansiedade. Houve em Bengala, na época, três movimentos revolucionários: 1) o *Brahma Samaj*, movimento religioso tefsta de idéias heterodoxas, iniciado por Raja Rammohan Roy; 2) a esfera literária e intelectual foi dominada e revolucionada por Derozio e seus seguidores. Houve também o movimento literário inaugurado pelo grande novelista bengalês autor de *Vande Mataran*, Bankin Chandra Chatterjee; 3) o movimento nacionalista. Como disse Edward Thompson bem a propósito: “O período de 1860-80 foi de uma atividade expansiva e febril; era a época de maré-cheia da Renascença bengalesa, podendo-se dizer que a época de Rammohan Roy corresponde, em termos de literatura, à época inglesa de Marlowe, da *intelligentsia*

do período de Sackville, Wyatt e Surrey. Michael Dutt, em seu *Tilottama-sambhava*, introduziu o verso livre, consolidado pelo sucesso de sua obra épica, o *Meghnādbadbkāvya*. Tornou-se o padrão para a poesia dramática até ser superado pela prosa. Michael também introduziu o soneto, um “estrangeiro” que logo se adaptou.

A família Tagore participou ativamente de todos estes movimentos revolucionários. O pai do poeta era o líder do *Brahma Samaj*, que pregava um estrito monoteísmo baseado nos ensinamentos das *Upanishads*. Foi por isso condenado ao ostracismo por seu povo, que o considerava pior que os cristãos.

No entanto, estou convencido de que há traços de influência cristã no *Gitanjali*. Podemos perceber, por exemplo, a presença da doutrina da graça, do perdão, da misericórdia e assim por diante. Contudo, uma vez que sua família caíra no ostracismo, Tagore pôde desenvolver um pensamento independente, qualidade muito enfatizada por Henry Louis, Vivian Derozio e seus seguidores.

Afirmo que a “percepção intuitiva do Real é substrato sustentador de todas as obras de arte perenes”. Nesse aspecto, todos os poetas se assemelham aos místicos que atingiram a vida unificada com o Absoluto, fundamentados no amor pessoal e na auto-renúncia. Também a arte, em tais momentos de inspiração intuitiva, apreende vislumbres do “plano misterioso” do Universo, atravessa as fronteiras da pluralidade e transpõe os abismos da subjetividade e da objetividade.

No *Gitanjali*, Tagore nos traz as boas novas que recebeu das estrelas longínquas. Tratando-se de uma mensagem de natureza sobrenatural, o poeta tende a tornar-se ambíguo. Ou, se não ambíguo, corre o risco de tornar-se perigosamente simples demais. Tagore vence o perigo da ambigüidade utilizando-se do simbolismo da música. O amor jubiloso e vibrante que

brota do Supremo é tratado pelo místico-poeta como um estado musical. Quando, em uma alma plétórica, acende-se a doçura amorosa, ela flui através de uma canção de amor:

Fizeste-me sem fim, pois esse é o Teu prazer.

Vives esgotando esta taça frágil e enchendo-a sempre de vida fresca.

Levaste por montes e vales esta flauta pequena de cana, e soprando-a atravessaste-a de melodias sempre novas.

Ao toque imortal das Tuas mãos o meu pequeno coração esquece os limites da alegria e cria inexprimíveis expressões.

(*Gitanjali*, I)

Tagore reconhece com humildade sua condição como criatura; o homem é uma música de Deus e o autor do *Gitanjali* está satisfeito como tal. Esta percepção, aliada à sua noção de impermanência, faz dele um intenso amante. Mas seu “amor ardente” torna-se tão naturalmente, no poema em questão, “amor-cântico”, que posso afirmar, com boa margem de certeza, que a compreensão do simbolismo da música nos possibilitará apreciar bem melhor as riquezas ocultas do poema.

O mundo é o teatro onde Shiva executa sua dança eterna de criação e destruição, e Vishnu revela suas formas múltiplas enquanto se reclinava sobre a serpente Ananda. O mundo vive e se movimenta por meio da cooperação criativa de ambos. Na verdade, a alma de Tagore começa a “cantar” apenas quando seu Mestre ordena. Quando as ternas mãos do Divino lhe tocam o coração sensível, é como se este se rompesse; as lágrimas derramam-se de seus olhos porque, através da divina canção de amor, as notas desarmônicas e dissonantes de sua vida fundem-se em uma “única e doce harmonia”. É assim que percebe sua própria finitude e a imensidão e infinitude de Deus. É infeliz porque não consegue receber tudo o que o Divino pode lhe outorgar: está confinado dentro de si mesmo e se lamenta: “Tuas dádivas infinitas vêm a mim por meio dessas minhas mãos pequeninas”. (*Gitanjali*, I)

Tagore atinge, neste ponto, o cerne de uma teoria fundamental. A limitação, que é uma forma do mal ou privação, não é obra de Deus: é inerente à própria natureza de todas as criaturas enquanto tais. O homem e todos os outros seres criados são receptáculos e tudo que se recebe o é de acordo com o receptáculo.

Os filósofos cristãos dizem que esta limitação deve-se ao que chamam de matéria primária, aquele princípio de pura indeterminação ou limitação. Embora a matéria seja o princípio limitador do homem, o corpo humano não deve ser considerado uma mera

vestimenta a ser usada e desvestida conforme se queira. Existe uma unidade vital entre corpo e alma: se não a houvesse, não haveria lugar para a humildade, a santidade e a pureza de conduta. Tagore reconhece, de maneira implícita, essa união essencial, ao cantar:

Vida da minha vida, eu tratarei de trazer sempre puro o meu corpo, sabendo que o Teu tato vivo pousa sobre todos os meus membros.

(*Gitanjali*, IV)

Nosso corpo não é nosso inimigo e não é preciso mortificá-lo como se fosse desnecessário à nossa personalidade. Contudo, deve ser puro, para que Deus possa operar Seu milagre. Portanto, nossa mente e coração também devem ser puros. Tagore reconhece, pois, que a mente e o coração humano são uma fonte de tentação e malefício maior do que o corpo. Daí que diga:

Eu tratarei de trazer sempre longe dos meus pensamentos qualquer falsidade, sabendo que Tu és essa verdade que acende a luz da razão do meu espírito.

(*Gitanjali*, IV)

O intelecto do homem pode ser iluminado por Deus – como Santo Agostinho já nos disse há muito tempo, e como o poeta também acredita – embora não possa, por si só, sondar o insondável. Por isso temos que fazer o que o próprio Santo Agostinho nos aconselhou, ou seja: *ama et fac quod vis* (“ama e faz o que te aprouver”). E lemos:

Eu tratarei de afastar sempre do meu coração qualquer maldade e de conservar sempre em flor o meu amor, sabendo que Tu tens a Tua morada no santuário íntimo do meu coração.

(*Gitanjali*, IV)

Assim, fica claro que só podemos alcançar a Deus através do amor, da pureza e da humildade. Quando sua alma humilde estiver inebriada de amor divino, o homem começará a cantar e a esquecer todas as suas idiosincrasias. Ouvirá então a música inaudível do divino, cujo esplendor

... ilumina o mundo. O sopro de vida da Tua música voa de céu a céu. A torrente santa da Tua música rompe qualquer obstáculo de pedra – e jorra.

(*Gitanjali*, III)

Na presença dessa torrente de amor, o homem sente seu vazio, seu nada. Luta em vão para cantar e expressar-se. Mas Deus é um amante terrível que emudeceu o coração do poeta. Como Francis

Thompson, Tagore reconhece a fúria divina do grande amante, ao dizer:

Ah! Tu fizeste o meu coração prisioneiro nas malhas sem fim da Tua música, ó meu mestre.

(Gitanjali, III)

Os místicos falam repetidas vezes de um conflito entre ação e contemplação. O problema pode ser colocado deste modo: a fim de alcançar o estado supremo da unidade da vida, da beatitude, deveríamos escolher como guia mais seguro os ditames da ação ou da contemplação?

Tagore não está entre os que se esquivam da ação. Ele diria que a própria ação é contemplação. É nosso dever executar, sem apego, as ações impostas por nossa condição de vida. Mas ele vai além e vê Deus em todas as suas atividades:

E será todo o meu empenho o de revelar-Te em minhas ações, sabendo que é o Teu poder que me dá força de agir.

(Gitanjali, IV)

Vivemos em Deus e através d'Ele agimos. Somos Sua criação e nossas diminutas criações são atividades do próprio Deus, que assim revela Sua infinitude. Ele está presente em toda parte, no grande e no pequeno, no orgânico e no inorgânico:

Ele está lá onde está o lavrador lavrando a terra dura e onde está quebrando pedras aquele que abre os caminhos. Está com eles ao sol e à chuva, e Suas vestes estão cheias de pó.

(Gitanjali, XI)

Tagore sabe que não deve orgulhar-se de suas realizações porque sem Deus nada se move. É por Sua causa que praticamos o bem, e nossa bondade é uma sombra de Sua bondade. Em resumo, nossa santidade deve-se à Sua graça:

Dia a dia vais-me tornando merecedor do Teu acolhimento pleno, com as Tuas freqüentes recusas que me livram dos perigos do desejo fraco e incerto.

(Gitanjali, XIV)

O poeta também sabe que, embora seja necessário trabalhar arduamente, é necessário conceder minutos à pura contemplação. Esta pode ser "ordinária" ou "extraordinária", "infundida" ou "passiva". A prece de união contemplativa a que Tagore se refere é aquele indivisível poder de conhecimento presente na raiz de todas as nossas satisfações artísticas e espirituais. Quando o homem está em contemplação, seu pensamento, amor e vontade (que se fundem, tornando-se uma unidade) habilitam-no a perceber como

idênticos o Bom, o Belo e o Verdadeiro. O objeto da contemplação é sempre Deus. Santo Agostinho refere-se a Ele como o "UM"; Plotino, como o "Propiciador da Verdadeira Vida"; São Bernardo, como a "Palavra Energética"; Dante, como "A Luz Eterna" e Ruysbroek, como "O Abismo". Todas estas denominações testemunham que o objeto da contemplação não é um nada ilusório, mas tão real quanto a nossa busca por ele.

A contemplação genuína, contudo, não deve ser identificada com a simples meditação. Trata-se de algo "antes recebido do que obtido", diz Evelyn Underhill. Porém, não é suficiente que Deus revele-Se a Si mesmo. A realidade revelada deve ser "apreendida por meio da participação, e não da observação. A receptividade passiva do Silêncio é aqui desenvolvida em uma autoadoção ativa e expansiva, que é a resposta do eu à iniciativa divina. Por meio de um ato livre, independente do esforço do homem, Deus auto-revela-Se à alma; e esta se apressa, sendo sua vontade perder-se n'Ele. Desse modo, fica estabelecido um 'toma e dá' — uma osmose divina — entre a vida finita e a infinita". Tagore expressa assim o sentido dessa união contemplativa:

Peço a indulgência de um momento para estar a Teu lado...

Longe da visão do Teu rosto o meu coração não conhece nem quietude nem descanso...

.....
Agora é o momento de estar quieto contigo face a face, e de cantar a oferenda da vida neste ócio silencioso e transbordante.

(Gitanjali, V)

NOTA

1. *lila*: jogo, passatempo, atividade lúdica, divertimento.
-

Tradução dos poemas: Guilherme de Almeida, em *O Gitanjali*, Livraria José Olympio Editora, 1939, 2ª edição.

Este artigo foi publicado originalmente em inglês em *Indian Horizons*, volume XXVI, nº 3, Nova Delhi, e aqui traduzido com a expressa autorização do Indian Council for Cultural Relations, Nova Delhi, Índia.

Tradução: Nilton Almeida Silva.

PSICOSSOMÁTICA UMA INTEGRAÇÃO CORPO-MENTE

Dra. Verônica Rapp de Eston

Uma surpresa, no número 45 da revista *Newsweek* de 7 de novembro de 1988: um título de capa anunciava a matéria *Corpo e Alma – Seu Cérebro e Sua Saúde*. O texto abordava as recentes descobertas científicas das conexões entre cérebro e sistema imunológico, que indicam que o estado mental pode afetar a atividade das células.

É bem sabido que a revista dá prioridade aos assuntos econômicos e à política internacional. Sete páginas, começadas pelo título *Body and Soul* – suficientemente significativo para dispensar comentários – demonstram a grande importância, uma importância cada vez maior, do conceito de homem como ser indiviso. Essa visão, própria de concepções tão remotas que parecem vincular-se ao domínio da intuição, está sendo retomada e discutida pela modernidade, através da ciência, inclusive. Na *Newsweek*, psicólogos, neurologistas, imunologistas, bioquímicos, contribuem para essa discussão fecunda, cujos termos são para eles de natureza concreta, pertinentes ao âmbito do trabalho cotidiano.

A dra. Verônica Rapp de Eston, do corpo de redatores da THOT, Livre-Docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, fundadora do Centro de Medicina Nuclear da referida Universidade, especializada em Radiobiologia em Medicina Nuclear, diz o seguinte, a respeito da integração mente-corpo:

Um fantasma ronda a vida do homem moderno. Está na rua, no trabalho, no lar, no lazer, enfim, por toda a parte. É o tão falado e combatido *stress*. Muita gente diz que está estressada, os jornais estão cheios de recomendações de como evitar o *stress* e as clínicas especializadas em preveni-lo e combatê-lo estão funcionando a pleno vapor.

Mas o que vem a ser mesmo o *stress*? O dicionário nos diz: esforço, tensão, carga, estafa. A palavra foi usada pela primeira vez, no sentido conhecido atualmente, na década de 40, por Hans Selye,¹ um cientista austro-húngaro radicado no Canadá. Selye pesquisava as funções das supra-renais, duas pequenas glândulas de secreção interna localizadas acima do pólo superior dos rins. São formadas por duas partes: a interna, ou medula, que secreta a adrenalina, e a externa ou córtex, que secreta uma série de hormônios chamados genericamente de corticóides. As pesquisas revelaram uma influência acentuada do sistema nervoso central sobre a secreção destas glândulas. No animal estimulado aumentava a secreção dos hormônios e, se o estímulo externo perdurava por muito tempo, chegava-se a um estado de excitação extrema, que terminava em exaustão. Havia, indiscutivelmente, um sistema de *feedback* (retro-alimentação) entre o sistema nervoso central e essas glândulas. O *stress* produzido podia ser brando, tornando o animal mais alerta, mas o prolongamento do estímulo além de certos limites levava-o à exaustão ou até à morte.

Aliás, não era a primeira vez que se verificava a inter-relação entre a mente e o funcionamento glandular. W. Cannon², na década dos 20, pesquisando a medula da supra-renal que secreta a adrenalina, verificou que este hormônio produz uma série de alterações gerais, como: aumento da pressão arterial, taquicardia, maior ventilação pulmonar, maior irrigação dos músculos voluntários. A adrenalina produz um estado de alerta e, por isso, foi chamada por Cannon de "hormônio da luta e da fuga" (em inglês, *fight and flight*). O estado de alerta é indispensável à sobrevivência individual, pois, diante de uma situação qualquer, é necessário reagir. O indivíduo totalmente passivo não tem capacidade de sobreviver por si mesmo.

Outras pesquisas mais antigas ainda demonstraram a relação mente-corpo. Todos conhecem o clássico cão de Pavlov³ que, devidamente habituado, passava a secretar suco gástrico toda vez que ouvia o som de uma campainha. É o conhecido reflexo condicionado.

Apesar de todas essas evidências, a medicina ocidental moderna persistiu, durante muito tempo, em tratar apenas o órgão aparentemente doente, sem pensar no doente como um todo. Era o estômago, o fígado, ou o coração que estava afetado. O resto do indivíduo não era levado em consideração. Multiplicavam-se as especialidades cada vez mais restritas e o doente sentia-se cada vez mais desamparado. A medicina esquecia-se de que indivíduo quer dizer, etimologicamente, "indiviso", isto é, não dividido.

Muitos outros exemplos poderiam ser citados, como as conhecidas expressões: empalideceu de medo, enrubescer de raiva, etc. Quem não tem taquicardia diante de uma situação imprevista ou não poderá, talvez, sofrer sérias perturbações do aparelho digestivo diante de uma condição adversa?

As observações se multiplicam e demonstram com clareza que existe uma relação íntima entre o corpo e a mente. Bebês que, por motivo de doença crônica, permanecem por muito tempo num hospital, contraem, apesar de todos os cuidados médicos, a síndrome hospitalar, moléstia indefinida que pode levar à morte. A falta do carinho materno se faz sentir. Por isso já se procura instituir nos hospitais infantis o programa da mãe participante, que passa o dia ao lado do filho, encurtando de modo significativo o tempo de hospitalização. Muito se tem falado nos últimos tempos das desvantagens de colocar os velhos em asilos ou casas de repouso. Por melhores que sejam os cuidados físicos, o velho definha por falta de calor humano, principalmente daqueles que lhe são caros. Mesmo quanto ao câncer, muito se fala hoje da influência do estado psíquico do paciente. As pesquisas se multiplicam, procurando demonstrar uma relação entre o aparecimento do câncer e um traumatismo psíquico intenso, como a perda de um ente querido, ou um desgosto profundo.

Na Inglaterra existe uma clínica especializada nas pesquisas do resfriado comum, doença de pouca importância do ponto de vista médico, mas extremamente importante sob o ponto de vista social, devido à perda elevada de horas de trabalho. Observando voluntários que, pelo pagamento de uma módica soma, mais casa e comida, se submetem a experiências, já não causa mais estranheza que, ao lado do pneumologista, infectologista, otorrinolaringologista, estejam os psicólogos pesquisando novos índices de integração social, escalas de agressividade, capacidade de lidar com situações adversas, e outros mais, a fim de verificar se essas alterações do psiquismo podem ter influência sobre a maneira como o corpo lida com uma moléstia infecciosa. Os antigos médicos de família, que não tinham à sua disposição dezenas de exames complementares, mas tinham desenvolvido ao máximo a sua capacidade de observação e mesmo a intuição, sabiam que a evolução de uma moléstia febril (infe-

ciosa), fosse ela uma pneumonia ou um ferimento infectado, dependia muito do estado de espírito do paciente. Aquele que tinha uma atitude positiva diante da vida, que lutava para sobreviver, tinha mais possibilidades de se curar do que o paciente apático, negativo, sem disposição para reagir.

Recentemente foi criada uma especialidade nova, a psiconeuroimunologia, que pesquisa a relação entre o estado psíquico do indivíduo e as suas reações imunológicas. Desde os tempos pioneiros de Selye, verificou-se que os hormônios do córtex supra-renal influenciam as taxas de glóbulos brancos do sangue. O sistema imunológico em si é muito complexo, sendo por alguns comparado ao cérebro, pela multiplicidade de suas funções. É formado basicamente por um amontoado de células brancas, os linfócitos, que se encontram no timo, baço, medula óssea e gânglios linfáticos. Os glóbulos brancos livres, isto é, os que estão no sangue circulante, formam a rádio-patrolha que fica vasculhando a corrente sanguínea à procura de um inimigo. Pelo processo de fagocitose estes glóbulos podem englobar bactérias ou mesmo corpos estranhos inertes, como partículas de poeira. Outras células do sistema imunológico são os macrófagos, responsáveis por processos de reparação celular, e que combatem vírus e tumores. Este sistema também produz anticorpos que combinam e neutralizam os invasores. Às vezes essa organização complexa exacerba as suas funções, causando reações alérgicas.

As pesquisas mais recentes demonstram a relação direta entre o cérebro e o sistema imunológico. Este produz substâncias que levam informações ao cérebro, havendo um complexo *feedback* entre ambos. As células do sistema imunológico produzem uma série de hormônios semelhantes aos produzidos pelo cérebro. O corpo responde a uma gama de estímulos que não são reconhecidos pelos clássicos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. É provável que sirvam de órgão sensor para corpos estranhos como bactérias e vírus.

As pesquisas demonstraram que o *stress* crônico leva a glândula supra-renal a secretar grandes quantidades de corticoesteróides, hormônios que podem inibir a reação imunológica. Não apenas sentimentos adversos ou o excesso de agitação, como também sentimentos de solidão, mágoa, desgosto e desamparo constituem um *stress* que também age sobre o sistema imunológico.

Cada vez mais está sendo provado experimentalmente que corpo e mente formam um maravilhoso sistema de circuitos integrados. As pessoas possuem dentro de si grandes forças curativas. Muitas doenças são provocadas pelo estado mental do indivíduo, basta lembrar a hipertensão e as úlceras gástricas. Porém, a possibilidade de cura está também dentro de nós. Os antigos romanos diziam: "mente sã em corpo são";

hoje poderíamos dizer: "a saúde do corpo depende de uma mente sã".

A medicina alopática ainda segue, em grande parte, a idéia dualista de separação entre mente e corpo. Entretanto, a psicossomática, especialidade criada há cerca de cinquenta anos, está aí para lembrar aos médicos que ambos são uma unidade indivisível. O êxito da medicina alternativa, tão em moda na atualidade, reside provavelmente no simples fato de que o tratamento visa o doente e não somente a doença. Aos poucos as escolas de medicina procuram de novo formar médicos generalistas, isto é, aqueles que procuram ver o paciente como um todo, deixando aos especialistas a tarefa de tratar de quadros mais específicos. É a tendência configurada pela medicina holística.

Mesmo nos Estados Unidos, onde a especialização atingiu o grau máximo, estão se multiplicando as clínicas integradas mente-corpo, que ensinam o paciente a lidar com os seus problemas estressantes através de relaxamento e meditação, de processos adaptados (ou, diríamos, ocidentalizados) de técnicas milenares da medicina oriental. A técnica de relaxamento mais conhecida e reconhecida pela classe médica, a de Shultz⁵, médico alemão de grande prestígio, na realidade é uma adaptação de técnicas hindus de relaxamento.

Cada vez mais compreendemos que o ser humano é um todo, formado de espírito e corpo, e que somente o equilíbrio entre ambos confere uma qualidade de vida satisfatória. De nada adianta acumular bens materiais, se o espírito se atrofia, pois apenas uma mente equilibrada é capaz de apreciar o que de bom e de belo o mundo pode oferecer.

REFERÊNCIAS

1. Selye, H., *Stress, a Tensão da Vida*, Ibrasa, 1965.
2. Cannon, W., *The Wisdom of the Body*, W. Norton & Co., New York, 1939.
3. Pavlov, I. P., *Lectures on Conditioned Reflexes*, N. Y. Publisher, 1928.
4. *Body and Soul*, Newsweek, November 7, 1988, pp. 46-52.
5. Schultz, J. H., *Treinamento Autógeno*, Ed. Mestre Jou, 1967.

O QUE É NOVA ERA?



**MOVIMENTO INGÊNUO
OU RENOVAÇÃO
DA CULTURA?**

PIERRE WEIL

Presidente da Fundação Cidade da Paz-Brasília
e da Universidade Holística Internacional

“Para que a Nova Era floresça, precisamos de indivíduos prontos para reconhecer a realidade do seu estado de criatura, o valor de certos limites, as vantagens da definição; é preciso pessoas com espírito e coração cheios de ternura e vigoroso, capazes de exercer o seu espírito crítico com rigor e amor; de chamar um erro de erro, e não simplesmente de “experiência vivida”.

Precisamos de pessoas capazes de sacudir o torpor do seu espírito, provocado por um falatório pseudopsicológico e uma gíria, da qual, infelizmente, as crianças de Aquário são amadoras; pessoas que falem claro e que enxerguem realmente, capazes de olhar o mal de frente e de chamá-lo pelo nome”.

DAVID SPANGLER

In Emergence – Quando crescem as crianças de Aquário. Le Soufle d'Or, 1986, p. 158.

... “É possível que a sombra mais sombria provenha do nome “Nova Era” ou da própria idéia. Pode ser uma expressão útil, que quase não utilizo mais em minhas palestras.

O perigo está em opor a “Velha Era” à “Nova Era”.

Pior ainda, pode haver uma recusa total do passado”.

Ib., p. 158.

Há uns trinta anos, lá pelos anos 60, nasceu um movimento de jovens inconformados com o rumo que a nossa civilização ocidental estava tomando, com a perspectiva apocalíptica da destruição do nosso planeta e de toda a vida reinante na sua superfície. Eu mesmo me encontrava entre eles, criando, no Brasil, organizações chamadas “Síntese”. Vários fatores concorreram para o nascimento deste movimento sob o

rótulo de “Nova Era” ou “Era Aquariana”.

Esta explanação é uma tentativa, breve e incompleta, de esclarecer a origem de tal movimento, sua evolução e as suas tendências atuais. Ela tem também o objetivo de atrair a atenção do público para a natureza de certas divergências, incompreensões, desvios e posições extremas, incompatíveis com os propósitos e o sentido da Nova Era.

O QUE É NOVA ERA?

UM POUCO DE HISTÓRIA

Quais os fatores que desencadearam ou que foram a origem deste conceito de “Nova Era” ou de “Era Aquariana”? Podemos dividi-los em quatro grandes categorias: fatores sensoriais, racionais, intuitivos e sentimentais.

Na primeira categoria, isto é, na perspectiva que leva em conta *atos visíveis e tangíveis*, situam-se os sofrimentos causados pela alta tecnologia da última Guerra Mundial, incluindo sobretudo a bomba atômica e a Guerra do Vietnã.

Depois podemos citar a fome nos países do Terceiro Mundo, o aumento da violência e do terrorismo, o desaparecimento progressivo, por dizimação, de inúmeras espécies animais, o desmatamento das florestas, a poluição do ar, principalmente nas cidades, o desaparecimento da água verdadeiramente pura, a poluição sonora – citando apenas alguns fatos essenciais, sem falar dos agrotóxicos.

Esses fatos levaram inúmeras pessoas a *criar comunidades*, se possível auto-sustentadas que servissem, ao mesmo tempo, de proteção contra os perigos da destruição ecológica e de exemplo de como se poderia viver em harmonia entre os humanos e com a natureza, regenerando a terra para que voltasse a dar comida nutritiva e água pura.

Na segunda categoria, a dos fatores racionais, situa-se em primeiro lugar um fato bastante assustador: o das curvas logísticas que indicam que haverá, em torno do ano 2000, um aumento acelerado da população do planeta, sem um acréscimo proporcional da produção de alimentos; indicam também o aumento de armamentos (temos o suficiente para explodir vinte vezes a população da Terra...), e o aumento também exponencial, ao que parece, do consumo de energia.

Em segundo lugar vêm os resultados de pesquisas sobre a influência dos agrotóxicos na produção de certas doenças; sobre as radiações nucleares, mesmo no caso do dito “átomo para a paz” – isto é, dos reatores nucleares para a produção de eletricidade –, que provocaram, somente nos E.U.A., 200 000 casos de câncer a mais por ano; sobre os efeitos iatro-

gênicos de grande quantidade de medicamentos, sem contar as pesquisas de intervenção genética, com sua possível criação de monstros.

Depois podemos citar também a descoberta da microestrutura da matéria, em que uma nova lógica se revela necessária, o que nos leva a um novo paradigma, o paradigma holístico, que integra a antiga lógica de não-contradição da microfísica, numa lógica contraditória da microfísica assim como à tendência de aceitar cada vez mais a hipótese da unidade da energia, na sua forma física, biológica e psicológica.

A Nova Era está despontando, desse ponto de vista, sob a forma da adoção de um *novo paradigma nas ciências* e de *novas tecnologias, chamadas “alternativas”* (alternativas às tecnologias poluentes ou destrutivas do organismo humano e da natureza). O lançamento da Ecologia como novo ramo da ciência constitui também uma conquista fundamental da Nova Era, e da própria ciência convencional e acadêmica. Ela parece ser a ciência do futuro, pois acentua a relação de tudo com tudo.

Nesse sentido convém citar também inúmeros encontros interdisciplinares que culminaram numa declaração da Unesco, a Declaração de Veneza de 1986, que recomenda uma “transdisciplinaridade” que levará eventualmente a uma nova racionalidade.

No que se refere aos *fatores intuitivos*, podemos colocar nessa categoria as inúmeras profecias escatológicas, desde o Apocalipse de João, passando por Nostradamus, para chegar a pessoas ou instituições esotéricas contemporâneas. Entre os anos 50 e 60 houve várias profecias do fim do mundo, que os partidários da Nova Era aguardavam; ao não realizar-se a profecia, como mostra, por exemplo, David Spangler, os grupos de adeptos de tal ou qual profeta se dissolviam. Ele mesmo declara: ... “a idéia de Nova Era, tal como se apresentava naquela época, era apocalíptica. Apesar de bela, maravilhosa e desejável, ela só se realizaria após um período de profundo distúrbio planetário, social e geográfico, que deveria “limpar” a Terra das velhas civilizações corrompidas, deixando o lugar purificado para que algo de novo pudesse emergir. Por conseguinte, podia-se acreditar na Nova Era, mas não se podia realizá-la de modo ativo, pelo menos, não antes do Apocalipse”. (Spangler, op. cit., p. 31) Mostra o autor que esse tipo de visão leva a uma espécie de impotência, pois uma mudança importante só pode se efetuar sob a intervenção de um agente não humano. Para que se esforçar, se tudo já está escrito!?

Isso vale também para os eventos positivos

MOVIMENTO INGÊNUO OU RENOVAÇÃO DA CULTURA?

previstos pelos profetas. Já que tudo está previsto, inexistente livre-arbítrio, não há necessidade de fazer esforço algum, basta esperar os eventos, para encontrar a felicidade tão desejada!

Enfim, o quarto fator é o aspecto do sentimento. Levados pelo coração, pelo amor e pela compaixão, inúmeras pessoas se reúnem em comunidades ou em grupos para viver, já, essa Nova Era. Em pouco tempo estão decepcionadas, porque descobrem, mais nos outros do que em si mesmas, as grandes emoções destrutivas, tais como ódio, ciúme, apego e possessividade. Sem as diretivas seguras de um mestre espiritual verdadeiro, como ainda existe em certas tradições, acabam desfazendo seus grupos ou comunidades.

Outros aderem a movimentos contra a violência ou, se têm sorte, a movimentos sob a orientação da não-violência de Gandhi; mas como mostra mais particularmente um dos seus líderes, Lanza Del Vasto, a própria não-violência, se mal compreendida e exercida por gente sem preparo, pode se tornar mais violenta ainda...

A fragmentação das pessoas e suas repercussões na fragmentação da visão da Nova Era

Acabamos, nesta análise, de utilizar um sistema de interpretação da pessoa humana apresentado pelo analista suíço Carl Gustav Jung.

Jung apresentou um modelo das funções psíquicas do homem que permite jogar uma luz clara sobre muitas confusões e mal-entendidos que surgem na interpretação do real, e propicia uma explicação muito lúcida das diferentes perspectivas e interpretações da Nova Era, como a que acabamos de fornecer.

Ele distingue quatro grandes funções:

A Sensação, o Sentimento, o Pensamento e a Intuição.

A figura 1 mostra como estas funções estão se opondo, constituindo na realidade uma divisão, uma fragmentação da pessoa humana.

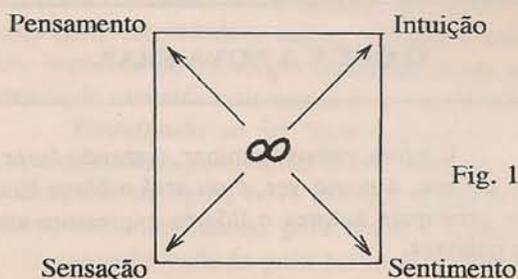


Fig. 1

Na figura 2 mostramos como essa fragmentação se projeta nas áreas do conhecimento humano e divide a Tradição; essas áreas, no tempo dos pré-socráticos e até hoje, em certas escolas orientais, se encontram indiferenciadas.



Fig. 2

Essa fragmentação individual, ao provocar a fragmentação do conhecimento, tem levado ao exercício de especializações cada vez mais isoladas, o que fez com que o homem perdesse a noção do essencial e do que recomendaria o simples bom-senso, no exercício de suas atividades.

O mais perigoso aspecto é a desvinculação da ciência do amor à humanidade e aos seres que habitam este planeta, assim como da ética.

Por causa dessa fragmentação, o planeta está ameaçado de destruição.

Numa publicação recente (*A Neurose do Paraíso Perdido* – ver bibliografia), mostramos como se forma a “fantasia da separatividade”, responsável pelo que chamamos de “neurose do paraíso perdido”.

Somente uma visão holística poderá compensar e fazer o homem sair dessa neurose.

Antes de definir melhor a Nova Era, vamos dizer o que ela NÃO É.

O QUE NÃO É A NOVA ERA

Inspirado no relato dos vinte anos de experiência de David Spangler nos EE.UU. e de nossas próprias observações no Brasil, fizemos uma lista de desvios e extremismos no movimento aquariano.

O QUE É NOVA ERA?

1. Os diferentes extremismos

Cada uma das posições que acabamos de descrever representa um aspecto parcial da questão e pode ser considerado, se carecer de corretivo dos outros pontos de vista, como suscetível de levar a extremismos e a posições reducionistas, assim como a eventuais fanatismos ou ingenuidades. Visões fragmentadas, tanto filosóficas como tecnológicas e neo-religiosas, se enquadram aqui.

Além dessas posições, convém assinalar outros desvios observados no movimento da Nova Era. Vamos descrevê-los sucintamente a seguir.

2. A confusão entre o nível psíquico e o nível espiritual da experiência humana

Em todas as tradições espirituais ainda vivas considera-se os carismas ou *siddhis*, isto é, os aspectos parapsicológicos, apenas como fenômenos marginais da experiência espiritual, e não como sua finalidade. São sinais de que a pessoa está no caminho certo, nada mais. Mas há pessoas muito pouco espiritualizadas que têm estes poderes, em função de tê-los desenvolvido em passado remoto ou recente.

3. A recusa e rejeição do passado

Certas pessoas se esquecem dos tesouros das tradições espirituais ainda vivas, que nos oferecem métodos e princípios seguros para o despertar espiritual. Querem romper com o passado, caindo na ilusão de poder, em alguns meses, reconstituir métodos que custaram milênios de experiência acumulada. A palavra "alternativa" pode levar a uma interpretação similar.

4. A exploração comercial

O comércio da Nova Era, bastante florescente, pode levar a uma visão distorcida do movimen-

to, por focalizar e explorar justamente os seus extremismos, que satisfazem a curiosidade popular.

5. O conceito de salto quântico

Muitas pessoas imaginam que está se produzindo ou vai se operar uma espécie de mutação imediata de consciência, esquecendo que, se esta ocorre, é em função de um trabalho da pessoa sobre si mesma, mais ou menos árduo, conforme as condições individuais.

6. A oposição de paradigmas

Pessoas sem o devido esclarecimento, mesmo certos cientistas, caem no extremo de opor o antigo paradigma newtoniano-cartesiano e o paradigma nascente, cuja definição está ainda por ser feita, dentro de uma ótica transdisciplinar. O antigo paradigma corresponde a uma lógica de não-contradição, lógica que permitiu e permite ainda a sobrevivência de cada ser humano, fazendo parte, de certo modo, de seu sistema de defesa e que, mais ainda, permitiu descobertas e desenvolvimentos científicos incríveis.

O novo paradigma tende a integrar a lógica de não-contradição e a lógica da contradição, como fez, por exemplo, Stephan Lupasco. Não podem ser colocados em oposição, mas se completam e integram.

7. A mistura entre ciência e tradições espirituais

Como mostra mais especialmente Ken Wilber, é necessário o encontro entre Ciência e Mística, mas sem mistura ou fusão. Ambas têm pontos comuns, mas é preciso evitar extrapolações precipitadas.

O QUE É A NOVA ERA?

E agora vamos terminar, tentando fazer uma síntese do que, a nosso ver, é ou será a Nova Era, e o que os principais autores e líderes expressam através dessas palavras.

MOVIMENTO INGÊNUO OU RENOVAÇÃO DA CULTURA?

Parece haver um certo consenso em torno das seguintes idéias:

1. *Preservar a vida no planeta*

Significa preservar ou reconstituir o equilíbrio ecológico ameaçado.

2. *Reconstituir a ecologia interna de cada ser humano*

A destruição da ecologia do planeta resulta do desequilíbrio interno entre as grandes funções psíquicas. Isso implica num reencontro do "centro" de cada um, do despertar da "fonte" dessas funções.

3. *O despertar de uma nova (e muito antiga) "consciência"*

Esse "centro", essa "fonte", pode ser despertada em cada ser humano; a mensagem da "morte e ressurreição" pode ser entendida como a morte do corpo e do egoísmo e a conseqüente ressurreição da sabedoria primordial e do amor em cada um de nós.

4. *Uma nova visão holística do mundo*

Esta visão é *holística* por levar em consideração os aspectos globais e particulares do Real, o conjunto e as partes, o pessoal e o transpessoal, a sensação, o sentimento, o pensamento e a intuição. Ela reconhece a emergência do novo paradigma, em plena formação e já citado mais acima.

5. *A emergência de uma cultura planetária*

É a idéia de que a humanidade e os seres que vivem no planeta constituem uma só família e de que é preciso respeitar ao mesmo tempo a interdependência e a individualidade.

6. *A Nova Era faz parte do nosso cotidiano*

"Pensar globalmente, agir localmente", lema já conhecido da Nova Era, significa que essa nova consciência deve encarnar-se nos mínimos atos da nossa vida cotidiana.

7. *O senso do Sagrado*

A nova visão fez ressurgir a noção do caráter sagrado de nossa existência e da vida no planeta.

8. *A redescoberta do sentido da vida*

A vida é considerada como uma oportunidade de aprendizagem e descoberta, por cada um, do seu verdadeiro sentido.

9. *O surgimento de uma nova ética*

Existe uma ética espontânea em torno dos altos valores, tais como a Beleza, a Verdade e o Amor. Essa ética precisa ser despertada em cada ser humano.

10. *Uma visão em transformação*

A Nova Era é uma idéia ainda em gestação; a sua própria história contribuirá para defini-la nos séculos que vêm.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

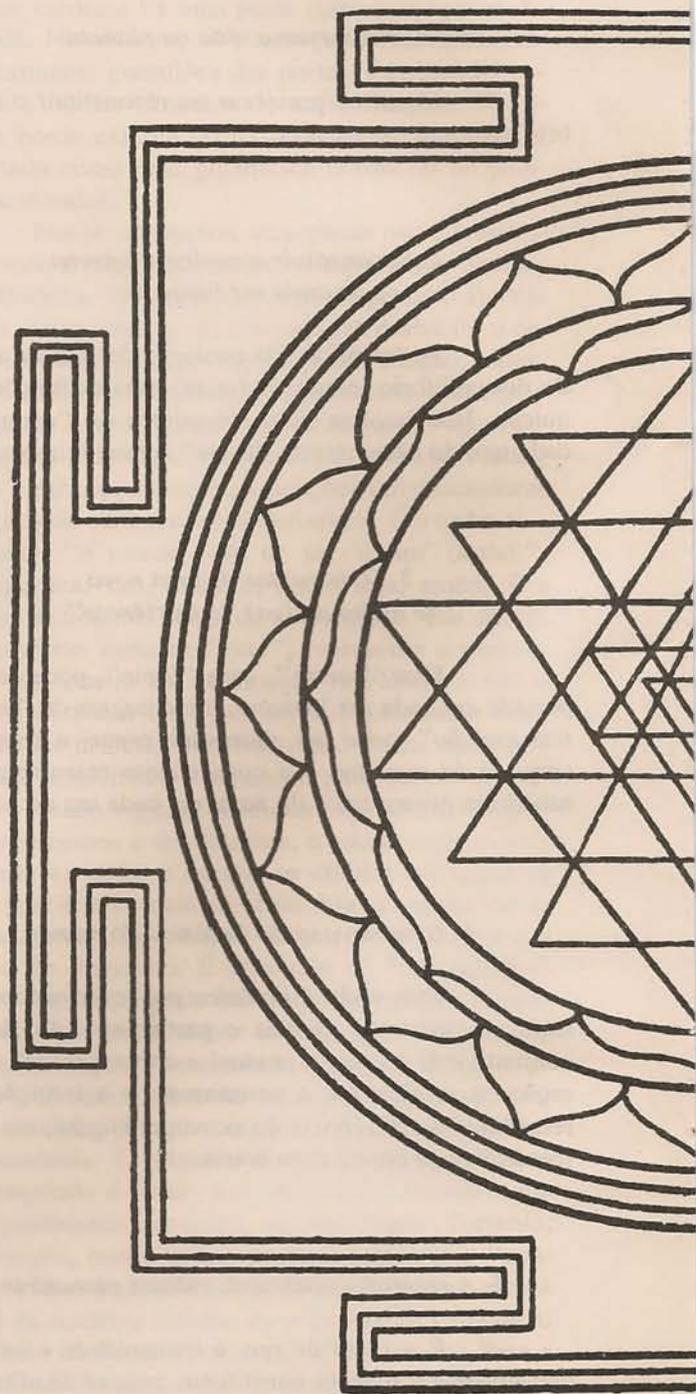
- CAPRA, F. - *O Ponto de Mutação*, Cultrix, São Paulo, 1986.
FERGUSON, M. - *A Conspiração Aquariana*, Record, Rio de Janeiro, 1984.
SPANGLER, D. - *Emergence*, Le Souffle D'Or, Barret le Bas, 1986
WEIL, P. - *Sementes para uma Nova Era*, Vozes, Petrópolis, 3ª ed., 1987.
WEIL, P. - *A Neurose do Parasol Perdido*, Espaço-Tempo (distr. Vozes), 2ª ed., Rio de Janeiro, 1987.
WEIL, P. - *O Novo Vocabulário Holístico*, Espaço-Tempo, Rio de Janeiro, 1988.

A FUSÃO DO

Começamos perguntando: qual é o significado do termo *yantra*? O sufixo *-tra* é usado no sânscrito para a formação de substantivos que designam instrumentos ou ferramentas. Por exemplo, *khan* significa escavar; *khani*, escavação; *khanitra* é um instrumento para escavar – pá, enxada, picareta, um instrumento primitivo para lavrar a terra e fazer os sulcos nos quais são depositadas as sementes. De maneira similar, *man*, cuja etimologia relaciona-se com “mental”, significa pensar ou ter em mente; portanto, *mantra* é um instrumento que evoca ou produz algo em nossa mente; falando de modo específico, é uma fórmula sagrada ou conjuro mágico para evocar ou trazer à mente a visão e a presença interna de uma divindade. De forma correspondente, o *yantra* é um instrumento com o qual o *yam* é feito.

Qual é, entretanto, o significado de *yam*? É refrear, subjugar, dominar, controlar. O verbo *yam* significa obter controle sobre a energia inerente a um elemento ou ser. Portanto, *yantra* indica, em primeiro lugar, qualquer tipo de mecanismo – compreendido num sentido pré-industrial, pré-técnico: uma represa captadora de água para irrigação, uma catapulta para arremessar pedras contra uma fortificação –, qualquer mecanismo construído para produzir energia com algum propósito definido pela vontade humana. Na tradição religiosa hindu, *yantra* é o termo geral para designar instrumentos de adoração, isto é, ídolos, quadros ou figuras geométricas. Um *yantra* pode servir como: 1. representação de uma personificação ou aspecto do divino; 2. modelo para a adoração interior e imediata de uma divindade, após ser dispensada, pelo iniciado adiantado, a parafernália para a devoção externa (ídolos, perfumes, oferendas, fórmulas expressadas em voz audível); 3. uma espécie de mapa ou esquema para a evolução gradual de uma visão quando da identificação do Self com seus conteúdos, cujas alterações se processam lentamente, ou seja, com a divindade em todas as suas fases de transformação. Neste caso o *yantra* contém elementos dinâmicos.

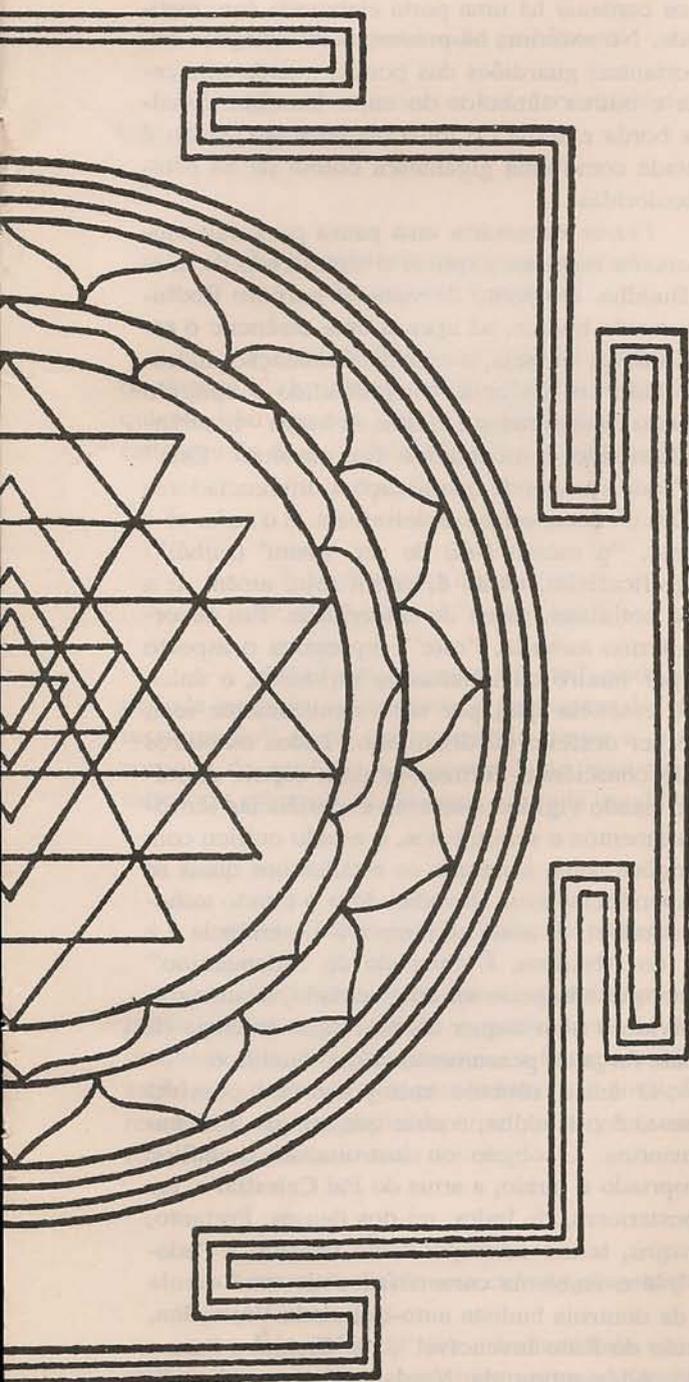
Podemos dizer, então, que o *yantra* é um instrumento cujo propósito é refrear as forças psíquicas, concentrando-as de tal maneira em um padrão, que este possa ser reproduzido pelo poder de visualização do devoto. É um mecanismo destinado a estimular visualizações internas, meditações e vivências. Seu pa-



Śrī Y

OS OPOSTOS

HEINRICH ZIMMER



antra

drão pode sugerir uma visão estática da divindade objeto de adoração, da presença supra-humana a ser captada pela percepção, ou pode também desenvolver uma série crescente de visualizações as quais, uma a partir da outra, desdobram-se como elos ou estágios de um processo.

Este último é o tipo mais interessante e rico, exigindo mais do iniciado. Atua em duas direções: primeiro para diante enquanto processo evolutivo, retornando depois, num percurso de involução, desfazendo as visões antes expostas. Ou seja, restabelece, em escala miniatural, os estágios ou aspectos da manifestação do Absoluto na evolução e involução do mundo. Além do mais, o poder de visualização do devoto é necessário para que prossiga de duas maneiras esse processo dual de criação e dissolução: por um lado, como desenvolvimento temporal e espacial; por outro, como transcendência das categorias espaço-temporais, numa simultaneidade de aspectos antagônicos da única e mesma essência. Assim, ao passo que as geometrizações dinâmicas sugerem uma contínua expansão do centro da figura para a circunferência, requerendo certo tempo para o seu percurso, devem, por outro lado, ser compreendidas como uma perene hierarquia ou gradação de estágios simultaneamente manifestado do ser, tendo ao centro o valor supremo. Essas gradações simbolizam as várias transformações ou aspectos do Absoluto, no plano fenomenal de Mâyā-Śakti, dando, ao mesmo tempo, provimento a uma análise pictórica da estrutura da alma e do corpo humano; pois a Essência Suprema (*brahman*), que é o núcleo do mundo, é idêntica ao Supremo Self (*ātman*), cerne da existência humana. Portanto, as visualizações, meditações e vivências advindas do *yantra*, devem ser consideradas não apenas como reflexos da essência divina na sua criação e destruição do universo, mas também e ao mesmo tempo (já que os processos universais e os estágios evolutivos são reproduzidos pela história e pela estrutura do organismo humano) como emanções da psique do devoto. Quando a eles se recorre no contexto da prática da ioga, os conteúdos do *yantra* representam aqueles estágios da consciência que conduzem à interiorização, partindo do estado cotidiano de ingênua “ignorância” (*avidyā*), e chegando, através dos estágios da experiência iogue, à compreensão do Self Universal (*brahman-ātman*).

Os elementos do Śrī Yantra são típicos de todas as classes de *yantra*: 1. uma moldura externa quadrada, composta de linhas retas interrompidas de acordo com um padrão regular; 2. uma disposição interna de círculos concêntricos e pétalas de lótus estilizadas; 3. uma composição concêntrica de nove triângulos que se interpenetram. A moldura quadrada externa é chamada, na tradição tântrica, de “trêmula” (*śiśirita*), ou seja, tremulante, como se a acometesse um calafrio. Esta curiosa expressão não se refere ao seu significado simbólico, mas à forma. A estrutura “trêmula” representa um santuário quadrado com quatro portas abertas nos quatro pontos cardeais; à frente de cada uma há um patamar e um pequeno lance de escadas que conduz do solo ao nível superior, onde se localiza o santuário propriamente dito. Este é o trono (*pīṭha*) da divindade, devendo ser considerado o centro do coração do devoto. É aí que habita sua particular “divindade escolhida” (*ista-devatā*), que deve ser entendida como a simbolização do núcleo divino de sua própria existência, seu eterno e supremo Self.

O caráter simbólico da linha trêmula, como representativo das quatro paredes de um santuário quadrado, torna-se particularmente óbvio quando o traçado básico linear é preenchido com formas e cores. Isso é comum no Tibete, onde uma tradição lamaísta de padrões circulares (*mandala*) ampliados em pinturas majestosas produziu um tesouro inesgotável de formas magníficas. Essa tradição budista desenvolveu-se, ao norte, sob a influência de doutrinas impregnadas, de maneira acentuada, por idéias hindus – em especial a de Śiva-Śakti. No belo teto do templo da cidade santa de Lhasa, por exemplo, vê-se um perfeito diagrama *yantra*, nele figurando, porém, Buddha na condição de *ista-devatā*, sendo estritamente budistas os detalhes da obra. No centro vê-se a personificação do primevo e eterno Ādi-Buddha ou Vairochana. Irradiando-se dele para os quatro pontos cardeais e entre os quatro pontos intermediários, estão oito desdobramentos ou manifestações de sua essência, que diferem em cores, gestos e atributos particulares. Simbolizam os componentes específicos emanados do Absoluto imóvel em direção ao mundo. Iluminando e mantendo a expansão universal, são representados no interior e no centro da flor cósmica que os contém. Esta, por sua vez, está situada no interior do santuário quadrado, e em cada um dos qua-

tro pontos cardeais há uma porta elaborada com meticulosidade. No exterior, há presenças ou menções menos importantes: guardiões das portas, guarda-sóis cerimoniais e outros símbolos do culto lamaísta. Finalmente, a borda externa do lótus do universo criado é representada como uma gigantesca corola de 64 pétalas multicoloridas.

Faz-se necessária uma pausa para, falando-se um pouco a respeito, explicar o significado da imagem de Buddha. Do ponto de vista do perfeito Bodhisattva ou mente búdica, há apenas uma essência: o estado de Buddha, ou seja, a própria iluminação, indescritível estado ou essência, compreendido e atingido quando todos os resultados e efeitos de Maya – ignorância – tenham sido transcendidos. É o absoluto “Este” ou “Isto” que transcende qualificações diferenciadoras e limitações ou características definíveis. É o *tatha-tā* – literalmente, “o estado (-tā) de ser ‘assim’ (*tathā*)”. *Tathā* significa: sim, assim é, assim seja, amém. É a afirmativa cotidiana, plena de sinceridade. Em decorência, o termo *tatha-tā*, “este”, representa o aspecto positivo por inteiro da iluminação nirvânica, o único estado ou essência que, por ser autenticamente real, não pode ser desfeito ou dissolvido. Todos os outros estados de consciência formam-se para depois dissolver-se – o estado vígil com suas experiências sensoriais, pensamentos e sentimentos, o estado onírico com suas aparições sutis, e mesmo os estados nos quais se dão as experiências mais elevadas. Mas o estado *tatha-tā* é indestrutível; é, a um só tempo, a experiência e a realidade do Absoluto. É chamado de “adamantino” (*vajra*), porque não pode ser fragmentado, desintegrado, dissolvido e nem sequer afetado pela violência física ou pela força do pensamento crítico-analítico.

O único símbolo antropomórfico possível para *tatha-tā* é o Buddha, aquele que atingiu a vivência adamantina. O objeto ou instrumento simbólico mais apropriado é o raio, a arma do Pai Celestial e, em épocas posteriores, de Indra, rei dos deuses. Portanto, o raio (*vajra*, termo correspondente também a “adamantino”) é o emblema característico de uma escola especial da doutrina budista auto-intitulada Vajrayāna, “O Veículo do Raio Invencível”, “O Caminho Para a Realidade Adamantina da Verdade Transcendente”. Nela, o *vajra* figura, comumente e sempre que possível, em todas as fases da decoração iconográfica. Apa-

rece como varinha mágica para exorcizar as forças malignas ou como empunhadura do sino que marca o tempo da recitação dos textos sagrados. No desenho do teto do templo de Lhasa oito *vajras* circundam o Buddha central, dezesseis rodeiam as oito emanções e 32 cercam a borda externa do lótus cósmico. Ele é também o principal atributo de um símbolo búdico alegórico muito importante, conhecido como Vajradhara, "Aquele que Empunha ou Governa (*dhara*) a Substância ou Arma (*vajra*) Adamantina". Esta figura é considerada a personalização suprema da realidade como tal; por isso, é chamada de Vajra-sattva, "Aquele cuja Essência ou Ser (*sattva*) é a Substância Adamantina". Tal como os "determinantes" animais dos deuses hindus são idênticos, em essência, às formas antropomórficas das quais são o veículo, assim também, no caso deste símbolo supremo da escola Vajrayāna, o raio adamantino é idêntico ao Buddha que o empunha.

Na qualidade de símbolo do Absoluto que engendra e mantém o mundo fenomenal, Vajradhara-Vajrasattva é representado sentado num trono de lótus, tendo sido o lótus originalmente, símbolo exclusivo e "veículo" da deusa Padmā – mãe ou *yonī* do universo –, ele representa o poder procriador (*śakti*) da Substância imortal, adamantina e eterna. Assim, um Buddha sobre o lótus, ou em seu interior, simboliza a essência da iluminação que permeia e sustenta o universo do Tempo.

Outro símbolo deste mistério, baseado no padrão hindu do Deus e sua *śakti*, costuma ser encontrado na iconografia do Tibete: Vajradhara e sua correlação feminina, estreitamente abraçados. No idioma tibetano, esta formulação é conhecida como "Yab-Yum". As duas figuras, que se fundem uma na outra, em suprema concentração e absorção, estão sentadas num trono de lótus, em régia atitude de calma imortal. Têm as vestes adornadas de jóias e usam as tiaras dos Bodhisattvas coroados. É de duvidar que a identidade suprema entre eternidade e tempo, *nirvāna* e *samsāra*, os dois aspectos do Absoluto revelado, possa ser representada de maneira mais essencial e majestosa.

Retornando ao Śrī Yantra, podemos distinguir, sob o desenho geométrico linear, este mesmo par primordial. Há na figura nove triângulos que se interpenetram, cinco apontando para baixo e quatro para cima. O triângulo voltado para baixo é o símbolo fe-

minino correspondente à *yonī*; é chamado de *śakti*. Os triângulos que apontam para cima são o masculino, o *liṅga*; são chamados "o fogo" (*vahni*). *Vahni* é sinônimo de *tejas*; energia ígnea, calor solar, esplendor régio, assustador fervor ascético, calor corporal dos organismos de sangue quente, força vital condensada no sêmen masculino. Os triângulos *vahni* simbolizam, pois, a essência masculina do deus, e os triângulos *śakti* a essência feminina de sua consorte.

Os nove triângulos significam a revelação primitiva do Absoluto, quando este se diferencia em polaridades graduais, estando a atividade criativa das energias cósmicas, a masculina e a feminina, em estágios sucessivos de evolução. O mais importante é que o próprio Absoluto, o Realmente Real, não é representado. Não poderia sê-lo, pois transcende forma e espaço. O Absoluto deve ser visualizado pelo devoto concentrado como um ponto de fuga, ou ponto (*bindu*) onde se dá a interação de todos os triângulos. O *bindu* é o ponto do poder, centro invisível e impalpável a partir do qual todo o diagrama se expande. Enquanto quatro dos triângulos *śakti* unem-se aos *vahni*, seus correlatos, o quinto, localizado no centro, permanece isolado, para unir-se ao ponto invisível. Ele é a *Śakti* primordial, consorte de Śiva transcendental, energia criadora em seu aspecto de manifestação feminina do Brahman puro e imóvel – a Grande Origem.

Como as imagens de Śiva-Śakti, o Śrī-Yantra simboliza a vida, universal ou individual, como uma incessante interação de opostos cooperantes. Os cinco triângulos femininos em expansão ascendente e os quatro masculinos que emergem em sentido contrário significam o processo contínuo de criação. Como uma sucessão ininterrupta de raios luminosos, fundem-se uns nos outros e espelham o momento eterno da geração – dinamismo que, não obstante, é apresentado num padrão estático de repouso geométrico.

O *Hieros Gamos* arquetípico, ou seja, o "Matrimônio Místico", é representado no diagrama não figurativo – o qual é uma chave do mistério da miragem fenomênica do universo.

Texto do livro de Heinrich Zimmer *Mitos e Símbolos na Civilização e Arte da Índia*, que sairá brevemente pela Editora Palas Athena.

JOSÉ LUIZ ARCHANJO

NATIVIDADE

PALESTRA PROFERIDA EM 13 DE DEZEMBRO DE 1984

**E EU RESPONDO QUE HÁ
UMA ÚNICA SAÍDA:
DIALOGAR E FALAR MUITO.**

**ACREDITO QUE TUDO COMEÇOU EXATAMENTE NA
FALTA DE DIÁLOGO, É PRECISO FALAR, É PRECISO
DIALOGAR: NA RUA, NAS CASAS, NO CURSO,
COM OS AMIGOS, SEJA LÁ COM QUEM FOR,
SOBRETUDO SE ESTIVERMOS IMBUÍDOS DO VERDADEIRO
ESPÍRITO DE NATAL.**

**O QUE É ESTA FESTA SENÃO A FESTA
DO VERBO QUE SE FEZ CARNE?**

Esta é a última aula deste curso que propõe o encontro com nós mesmos.

Seria de se esperar que todos os anos esta aula final fosse mais uma palestra, uma reflexão sobre o Natal.

Este ano, entretanto, confesso que tive certa dificuldade de articular algumas idéias sobre o espírito natalino, que é sempre, fundamentalmente, um espírito de alegria. Falei há poucos dias da alegria e do contentamento como necessidades básicas e estruturais das nossas vidas. Infelizmente, talvez eu não possa encerrar dessa forma este curso, porque nossa reflexão semanal tem sido uma reflexão de consciência, de lucidez, a respeito de tudo que nos cerca. Parece-me, portanto, um pouco irresponsável, ingênuo e muito pouco lúcido, porque nosso calendário diz que no dia 25 de dezembro se celebra e comemora o nascimento de um

dos maiores mestres da humanidade, o Cristo Jesus, pormo-nos a enfeitar as casas com bolas coloridas, a armar nossa árvore e nosso presépio segundo a tradição, e a dar presentes uns aos outros. Na verdade, daqui a pouco comemoraremos 2 000 anos desse nascimento, 2 000 aniversários de Cristo Jesus que veio ao mundo sobretudo com a missão de propor-nos a paz e o amor ao nosso semelhante.

Porém, o mundo que vemos à nossa volta é desolador, quando consideramos o planeta, as grandes nações, as dissensões políticas, as conversações para as tentativas de desarmamento.

Os desequilíbrios estão em toda parte, terríveis; repito: a mim, pareceria ingênuo comemorar de forma emocional, emotiva, mais este Natal. Por isso, tentei me colocar num espírito de reflexão e de interiorização, de fora para dentro, vendo como está o mundo

ao meu redor, para depois tentar ver que mundo posso instaurar em meu interior para celebrar, não digo com alegria ou contentamento, mas ao menos com dignidade e honestidade o Natal dentro de mim. Portanto, lamento que não possa lhes oferecer neste ano uma otimista, linda e bela conferência sobre o sentido cósmico e a alegria do Natal.

Acredito, porém, que posso lhes oferecer um mínimo de reflexão e de alerta para o que está acontecendo à nossa volta, para que possamos desencadear melhor nossas possibilidades interiores.

O meu particular amigo e irmão Elóy de Araújo, que além de diretor e ator é também autor teatral, na sua mais recente peça que chamou de *Eu, Você e os Outros*, imaginou uma situação *sui generis*. Imaginou dois brasileiros, num futuro próximo – mas tal-

vez não tão longínquo, infelizmente –, encerrados num abrigo antinuclear, depois que o mundo explodiu lá fora.

Essas duas pessoas, únicas sobreviventes em todo o planeta, são um intelectual – um homem político – e um homem simples, rude, do campo: Pedro e Paulo. Através deles é reconstruída toda a história de um relacionamento humano e, de modo simultâneo, as fases evolutivas das relações humanas ao longo da história, através dessa vivência, ou melhor, da convivência obrigatória desses dois seres.

Num momento da peça, Paulo, o mais rude, remexe uns papéis que vê Pedro escrevendo continuamente. Percebe aos poucos que Pedro está escrevendo um diário para registrar aquele momento histórico, e encontra entre as anotações do outro o seguinte texto:

“Não sei quando tudo começou, nos olhos de todos o brilho mudou e começou a apreensão, os gestos tornados mais nervosos, os assaltos se sucediam, a vida humana barateou-se e os corpos em liquidação caíam esfaqueados, baleados, massacrados, aviltados, ceifados, no último alento ficava no rosto do moço um espanto, o medo foi se infiltrando de mansinho em cada um e a transpirar espalhou-se entre os amigos, os familiares, os vizinhos e entre as crianças, as casas, os bancos, as lojas, os supermercados, os templos foram invadidos, saqueados, a colheita, a cata de jóias, dinheiro, roupas, sapatos, comidas, bebidas, bijuterias e vidas.

Onde morar? O que comer? Como sobreviver? E os filhos, uma mulher e um marido? E o sorriso? E a felicidade? E a segurança? E o viver? Aumentava o desespero da sobrevivência dos desempregados, de quem ganhava o salário-mínimo, dos aposentados, de todos aqueles que não eram os eleitos do sistema, e os não eleitos aumentavam o número dos assaltantes.

Como roubar? A quem roubar? Não sei com quem começou... Os alimentos não mais alimentavam e, adulterados, começavam a matar lentamente, despercebidamente, originando uma infinidade de doenças, a população numerosa era incapaz de compreender a causa das mortandades sob o signo de Câncer, o que fazer contra essa calamidade do século XX, e não vimos a ganância pulverizando as plantações com uma química mortal, e nem vimos a ganância contaminar os riachos, rios, lagos, oceanos, com bactérias nocivas portadoras da morte, nossas células começaram a enlouquecer quando elas encontraram em seus corpos genéticos a defesa contra tantas drogas lançadas simultaneamente em seus núcleos, através do ar, da água e dos alimentos.

Não digam que nossas matas se vão torcer e lentamente desaparecer nas queimadas, nem os danos contra a debandada dos pássaros, a primavera então será saudada com o silêncio.

A chuva antes benfazeja e abençoada trazia então em suas gotas altas doses de mercúrio, e a chuva perdeu a poesia e tornou-se ácida e destruída e matava.

A terra dessacralizada perdeu sua harmonia e equilíbrio, o teor de gás carbônico aumentou e mais a poeira na atmosfera, mais o uso recente de combustíveis, mais a energia nuclear, foram transformando a terra em uma enorme estufa quente e úmida, os pulmões da terra minguavam como o pulmão do homem minguava a cada tragada de cigarro, a cada ato de respirar envenenado pelas baforadas expelidas pelas chaminés das fábricas e indústrias do mundo inteiro, e a terra deixou de ser azul quando olhada do espaço, tornou-se cinza, de um cinza que vendava os raios solares, e tinha cinquenta graus à sombra e era apenas o começo, não tínhamos a ganância manipulando dólares, marcos, francos, libras e ienes, e vieram os empréstimos financeiros a título de ajuda aos países subdesenvolvidos, que nada mais era do que um grande plano para espoliação do terceiro, quarto e do quinto mundo, e nós do Terceiro Mundo arcávamos com a responsabilidade dos juros criminosos que garantiam aos credores o luxo e a ostentação e aos devedores a escravidão da fome e da miséria, o assassinato de seus irmãos, da liberdade e da autonomia entre os povos, as armas e os barões assinalados mantinham o cumprimento desse acordo, em nossa Nação sem a ira de um Aquiles ultrajado perdemos

a coragem ética de lutar e conquistar novos rumos e não nos ensinaram a defender os nossos direitos, não nos ensinaram a ler e a escrever, não nos ensinaram a amar com fé e orgulho a terra em que nascemos, não nos ensinaram como se forjam homens de fibra e tempera, homens honestos e justos, homens que pudessem amar e lutar pelo seu povo, homens que não tivessem o próprio bolso como horizonte, mas sim a alma de seus irmãos, e esquecemos que temos direitos a serem defendidos e nós fomos organizados para uma obediência cega e irrestrita e aquele que desobedecer pode ser eletrocutado, torturado e assassinado, e nos entregamos nas mãos de nossos irmãos, irmãos que nos traíram, nos enganaram, nos venderam, a nós, filhos deste solo,

*nossa mãe gentil pátria amada Brasil,
nossa mãe gentil pátria amada Brasil.*

Preso pela própria natureza ali jazia um gigante adormecido, belo, impávido colosso, em seu leito de esmeraldas, ouro, safiras e prata, debatendo-se em seus sonhos crivados de pesadelos, entrecortados por sons de pandeiros, cuícas e tamborins. Ah! se o gigante despertasse, se ele vencesse o torpor modorrento da grande batucada, a cadência hipnótica do rufar dos tambores, se ele conseguisse romper todas as alas e todos os requebros e os gingados e os jogos de cintura, se ele se libertasse do samba-enredo que lhe impuseram, vindo dos lusitanos ancorados pelas primeiras caravelas, se ele ousasse ultrapassar o desfile da avenida, agitando em suas mãos o estandarte da liberdade, igualdade e fraternidade... Ah, se ele ousasse, que Nação não se levantaria, que povo não surgiria desse solo, confiante, lícido, feliz e antes de tudo, forte! Mas esse povo então era fraco, e fraca essa Nação que cava sua própria tumba? Colombo, fecha a porta de teus mares!

Havia interesses a proteger, diziam que eram interesses da Nação, mas quem era a Nação, não éramos nós, eram os contratos internacionais? Eram o aumento das remessas de lucro, a correção da fortuna crescente dos outros, não a minha ou a tua, não pensavam em nosso bem-estar, mas sim em assegurar o bem-estar de quem já bem estava, o Nordeste continuou a ser Nordeste, Israel conquistou o deserto mas o Nordeste não foi apresentado a Israel, continuou indomável, uma esmolinha pelo amor de Deus, de repente algumas pessoas souberam por que o solo desse Nordeste era rico, riquezas escondidas e relatórios secretos, é proibido superpovoar o Nordeste porque no futuro ele será esquarterado, das feridas de seu corpo desabrocharão pepitas preciosas, de suas veias jorrarão sangue negro e a incomparável energia da terra alucinante, dos nordestinos que sobreviveram – dos fortes, pois os milhares de ossadas de milhões de retirantes enriqueceram de cálcio e sais minerais a vida descalcificada desse solo brasileiro, solo sofrido, calcinado, espezinado, ressentido e empoeirado, quando viesse o tempo o pó desse solo seria varrido, e as multinacionais fincariam seus pés de concreto sob um imenso e secular cemitério, mas não houve tempo de o tempo chegar, não sei por que tudo começou, havia nos corpos dos humanos o cansaço de viver e reviver a repetição de situações, amores, famílias, empregos, padrões, divórcios, conceitos, preconceitos, conflitos, explorações, ódios, desamparos, falta de comunicação, diferença de gerações, solidões, pobreza, ansiedades, riquezas, ócio, falta de perspectiva, tudo era vídeo-teipe, visto, revisto, reprise, previsível, e as pessoas se desuniam, os Estados Unidos se destruíam, a União Soviética se desuniu, e ambos geraram desunião de todos os demais estados unidos, e que nome dar à nova guerra que ainda não era a terceira, mas que nas dissensões internas de cada país se fazia anunciar nos cabeçalhos dos jornais e as drogas faziam as cabeças dos cidadãos do mundo, as mentes eram abertas a fórceps e resolviam os problemas mundiais, nacionais e individuais, entre a densa fumaça do haxixe, os jovens faziam suas viagens entre quatro paredes, escondendo ao mundo e a si próprios, achados, renovados constantemente pelas picadas de agulhas, e começavam aos dez ou aos doze anos de idade esses heróis e heroínas, e vendiam o corpo e a alma num presente sem futuro, presente destilado de um pó branco, aspiração do nirvana, alcançado ao se fazer nas cartilagens das narinas, dos ossos faciais, das arcadas dentárias who is fool? e os politonasais, e a terra num processo de desertação enlouquecida, como enlouqueciam as estações do ano, sob um sol abrasador, sob nevascas devastadoras, enchentes furiosas, uma lua cheia e sangüínea reinava nas noites já inquietas dos cinco continentes: não sei onde tudo começou, não importa saber onde, estava em toda parte, o coração da humanidade comprimido dentro do peito batia descompassadamente e o ataque cardíaco asfixiava tudo e todos com os prenúncios da explosão final desse enorme coração sofrido, desregulado, maltratado, funcionando com marcapasso, remendado com pontes de safena, sem combustível, sem energia, sem tempo de renovar a corrente sangüínea para o nascimento de uma nova era, transplante foi rejeitado e o inevitável aconteceu, e eu não sei por que me salvei e conto agora como foi.”

É interessante notar como alguma coisa escrita como ficção e projetada num futuro em longo prazo, quando confrontada com as manchetes dos jornais, com as notícias, demonstra já estar acontecendo. Os jornais noticiam de modo tímido, a tevê e o rádio de maneira velada, mas nas nossas casas, com os parentes, os vizinhos ou os amigos, podemos conversar sobre essas coisas explicitamente. Os gases chegam e matam, mas a imprensa apenas diz que não, que é bom que o gás chegue. Tudo isso já está acontecendo na realidade; quando o autor pergunta: "onde?", eu, que não sei bem onde tudo começou, tenho outra pergunta a fazer a ele: E nós, o que fazíamos? Nós, o que fazemos? Nosso pecado maior não será esse da omissão? Tudo já está aí, como celebrar?

Era essa a pergunta que fazíamos de início: aproxima-se mais um Natal; é claro que cada um de vocês, cada uma das pessoas de boa vontade também pode me perguntar: "Mas Archanjo, o que é que podemos fazer? Estamos conscientes de tudo isso, mas o que fazer?"

E eu respondo que há uma única saída: dialogar e falar muito. Acredito que tudo começou exatamente na falta de diálogo, é preciso falar, é preciso dialogar: na rua, nas casas, no curso, com os amigos, seja lá com quem for, sobretudo se estivermos imbuídos do verdadeiro espírito do Natal. O que é esta festa senão a festa do Verbo que se faz carne?

Pare um pouco para pensar. Não importa que você seja israelita, orientalista, budista. Pense, sem nenhum sentido religioso, no que quer dizer *o Verbo se fez carne*. Na nossa tradição, no princípio era o Verbo, a palavra criadora que disse: "Faça-se à Luz" – e a Luz foi feita. A palavra criadora que constituiu todo o universo de repente se encarna. Poderia ter-se encarnado, se concretizado, na pedra, na flor, na planta, mas resolveu ser carne, e carne humana. A palavra converteu-se em pessoa, e é isso que se celebra a cada Natal, a encarnação do Verbo. Mas de repente nós, humanos, nos calamos! É preciso que esta palavra seja escrita, falada, sussurrada, murmurejada, chorada, cantada, registrada, poetada, mas acima de tudo trocada! A saída está no diálogo, porque ele é o exato encontro de duas palavras, *dia* e *logos*. São duas palavras criadoras, que podem se encontrar quando seres humanos se comunicam, e de quantas formas nós podemos expressar essa palavra, meu Deus? A palavra de informação que muitas vezes eu nego para não me dar ao trabalho, para não me aborrecer, ou até para combater o medo... Outro dia eu contei, por piada, que alguém pediu-me as horas e eu disse que não tinha nada para dar, não tinha trocado; e ele: "Não, por favor, não é esmola, são as horas que quero saber." Tive medo de dar a informação, de ser assaltado.

Nego ao outro a palavra de esclarecimento "ah, eu não quero me intrometer na vida de ninguém!",

eles são brancos, se entendem, em briga de marido e mulher ninguém se mete, ah, é a fase psicológica que ele está atravessando!" É o que se diz sobre aquele adolescente que só fala imbecilidades, que nunca sai do quarto. Digo: "Não vou me intrometer na vida dele"; "Ah, não sei não, não posso falar, ela vai se ofender, vai pensar que estou dando palpite em sua vida". Eu posso dizer com amor: "Parece que você está muito nervosa, que anda muito cansada, seria bom você procurar um médico ou alguma ajuda, ou descansar mais" – seja lá o que for, uma palavra de orientação, de consolo; ou de protesto: "Está errado, isso não se faz".

Eu lhes contei outro dia que estava com um autor, numa farmácia; ele acabara de sofrer um acidente, estava ensanguentado e a farmácia se recusava a fazer um curativo, porque os funcionários estavam ocupados em pregar enfeites de Natal na parede. Naquele momento eu explodi e disseram que eu era bobo, que ainda me aborrecia com isso, passei por mal-educado, mas, meu Deus!! se pararmos de registrar essas coisas, nos animalizaremos sem perceber. "Ah, estou morando neste edifício há pouco tempo, não quero amizade com ninguém! Cada um na sua, não quero saber de vizinho entrando e saindo de minha casa, para mim é bom-dia, bom-dia, boa-tarde, boa-tarde, e acabou-se!" Sabe, começamos a cruzar com estranhos nos elevadores, na recepção, no *hall*, nas calçadas, e vamos nos fechando e matando a palavra que deveria ser sobretudo uma palavra de amor, a palavra da audição, dialogar não é só falar com o outro, mas é ter também a capacidade de ouvi-lo, às vezes não podemos fazer nada senão ouvir, e o maior consolo para a pessoa é ser ouvida em seu desabafo, naquele instante. É claro que podemos estar atentos para todos os jogos e envoltimentos, para as tentações de ser o salvador do próximo, e assim por diante.

Mais além do psicológico está o espiritual, o mais profundo, e neste, a caridade; sua estrutura, sua essência é o amor, a bondade, a paciência, a tolerância, o acolhimento do outro. O diálogo tem de acontecer em todos os níveis, tem de acontecer em casa, entre pais e filhos, entre filhos e pais, entre marido e mulher e mulher e marido, com os cunhados, os sogros, seja lá com quem for. Mas não diga: "Ah, não me dou bem com minha cunhada, imagine que tenho de recebê-la neste Natal! Não sei por que não conversamos e não nos falamos mais, não nos entendemos. Ah, cansei! Falei milhões de vezes ao Vítor que não vou tocar mais nesse assunto, jurei para mim mesmo que não falaria mais sobre isso", etc. etc. Mas São Paulo Apóstolo disse que temos de nos relacionar uns com os outros, temos de advertir-nos, de admoestarmos, de sacudir continuamente uns aos outros. Vamos negar-nos a esse despertar, logo com aquelas pessoas que mais amamos, que são carne de nossa carne, san-

gue de nosso sangue, ou com aquelas com quem temos laços profundos de amor, de amizade, de uma convivência de anos? A palavra tem que acontecer na comunidade, com seus vizinhos, seus amigos, com os doentes, os velhos, as crianças. Meu Deus, que coisa terrível vemos num consultório de terapia! Crianças de dez, quinze anos, quando perguntadas, para um levantamento que precisei fazer, a respeito das histórias que ouviam, diziam não terem ouvido histórias. “Mas como? Você não ouvia histórias, sua mãe, sua avó, não lhe contavam?” “Não!” “Como é que você conhece os personagens e as histórias de fadas, a Cinderela e os outros?” “Eu já ouvi falar, assisti aos filmes de Walt Disney na televisão”.

Que susto! Há uns quinze anos as avós se aposentaram ou se cansaram de contar histórias, ninguém tem mais paciência, não se conversa mais com as crianças. Por quê? Sei lá! Parece ser mais cômodo ligar um aparelho e deixar as crianças assistindo à televisão. E quando se fala aos pais para que conversem com elas, a resposta é: “Imagine se vou deixar minha mulher de lado para conversar com criança, não estou a fim não, padre”. Ora, não posso esperar que parta de seu neto a iniciativa de diálogo. Estou dizendo, na verdade, que você, com sabedoria ou inteligência, descubra qual a forma de chegar até ele.

Veja os personagens da literatura infantil de Monteiro Lobato, Pedrinho, Emília, o Marquês de Rabicó, o Visconde de Sabugosa: todos são personagens fascinantes, descobrem mundos, viajam pelo tempo e pelo espaço. Graças a quem? Sabe quem sustenta toda a estrutura do romance de Monteiro Lobato? É a avó, a Dona Benta que conta histórias, que fala com os netos e lhes fascina a mente, às vezes com uma pontada no coração e precisando do chá de erva-cidreira de tia Nastácia, mas que está ali! Não se pode optar pela desistência, começar a dizer que as pessoas não são mais iguais, que nada mais é igual, que a juventude não é mais a mesma, meus filhos antes me respeitavam, ai! se meus filhos tivessem sido como meus netos são hoje em dia, etc.

Sim, tudo mudou. Você tem mais é que lutar pelo seu lugar, por seu direito de falar, de expressar, de dialogar, pelo diálogo geral no rádio, na tevê. Quantos de nós se preocupam em protestar não só pelas injustiças sofridas, mas pelas injustiças testemunhadas? Quem de nós se dá ao trabalho de sentar-se e escrever: “Eu estava em tal lugar e presenciei isto, quero denunciar”? Quem escreve nesses termos para o rádio, o jornal, a televisão? Quem é que vai ao telefone e diz: “Estou ouvindo fulano de tal na televisão e acho que ele está falando um absurdo, eu gostaria de fazer-lhe uma pergunta”?

Na verdade, estamos desistindo dessa participação e se não falamos, se não exercitamos esse diálogo, como dialogar com Deus, que é a própria pa-

lavra, como dialogar com nós mesmos? Parece que há um complô de silêncio, e nós morremos de silêncio e de solidão. Não temos a paciência de ouvir o outro, não abrimos nossas mentes, nossos corações e braços para acolher o próximo, e a nossa palavra vai se empobrecendo. Não se escreve mais, já perceberam? Se fôssemos estudar o estilo literário de hoje, ou as formas de composição e prosa, veríamos que não existe mais o bilhete. Se passo em casa de alguém e não o encontro, digo: “Ah, diga que estive aqui, que vou até ali e já volto”. Parece que é muito difícil escrever: “Sinto muito não ter tido a sorte de encontrá-los em casa, fica ao menos o abraço de fulano”. Só o fato de escrever o próprio nome e articular sua palavra com o outro já é alguma coisa.

É terrível o corre-corre em que não se tem mais tempo para nada. Perdemos o hábito do bilhete, do telefonema – telefonema que não transmite a intimidade, o calor, a afetividade de uma carta: “Vamos falar bem depressa para não gastar impulsos” – olhem, vou fazer uma comparação frontal: a carta não gasta impulsos, escrever é melhor, há um outro tempo, há um outro ritmo, até.

Perdemos também o hábito dos cartões; quanta gente, ao chegar o Natal, dizia: “Meu Deus do céu, estão chegando tantos cartões que não sei como vou fazer para responder a todos”. Não é obrigatória, a urgência: “Agradeço e retribuo seus votos de feliz Natal e Ano Novo”. Espere, faça disso um prazer, não responda agora: quando janeiro chegar, ou na primeira semana de fevereiro, em suas férias, não poderá ser realmente agradável começar a responder? “Fulano, não pude responder ao seu cartão de Natal na época; aqui e agora, em minhas férias, me lembrei de você, neste lugar tão bonito”. Talvez a sua comunicação seja muito mais comunicativa, então.

Eu me assusto: minha casa é um pouco diferente, é uma casa de terapeuta, por isso tem, até certo ponto, um ar “intelectual”, mas assusto-me quando vou à casa das pessoas e me mostram decorações fantásticas: o quarto das crianças, a sala de estar, a sala de jantar, de refeições, o jardim de inverno, o jardim de verão. Mas não vejo mesas ou superfícies para alguém escrever e me pergunto: e se alguém quisesse sentar-se em um canto e escrever? Só existe a sala de jantar com uma mesa, por exemplo, mas nela está também a televisão, há muitas pessoas por perto, há um grande barulho. Pergunto ainda: onde há um canto para o pessoal ler, se é que há livros nesta casa? Ninguém deve ler nada. Pergunto a vocês: onde está seu cantinho em sua casa? Não precisa ser necessariamente um escritório com uma escrivaninha colonial, ou lavrada no tempo do Império, pode ser uma mesinha no canto do quarto, uma cadeira onde você possa dedicar-se à – como é bonito o nome! – “correspondência”, à sua resposta. Que é a resposta de outra respos-

ta, de outra resposta.

Estamos de fato perdendo esse hábito, com nossas dificuldades do dia-a-dia, da falta de tempo, seja por cansaço ou por preguiça. Digo que a saída para vencer essa situação, essa dissociação à nossa volta, está no diálogo.

Estou falando do diálogo sob todas as suas formas, de tudo que possa ser comunicação, comunhão, co-munhão com nossos semelhantes. Estamos nos fechando demais e permitindo que os outros, por serem tediosos ou horrorosos, por serem introspectivos, muito velhos ou muito doentes, por eu não ter mais paciência com eles, também se fechem.

É muito importante que conversemos. Se não pudermos falar, poderemos no mínimo ouvir. Quando o outro não quer falar, podemos pedir que nos fale.

É estranho: quando vou a um velório, a uma missa de sétimo dia, ao conversar com a família e começar a perguntar: como é que ela era, onde se casou, como é que foi? às vezes a família não sabe nada sobre aquela pessoa que se apagou. Uma vida se acabou sem deixar memória, vagamente; sabe-se de modo vago como é que foi aquela existência. Depende de nós, esse esforço de saber. Nossos avós diziam: "Temos que insistir com os netos para que venham falar conosco". Também cabe a nós, netos ou filhos, visitar vovô e vovó e perguntar como era seu tempo, onde se conheceram, como se casaram, como era a vida então, quais foram as dificuldades que tiveram para criar os filhos. Toda essa experiência riquíssima, vastíssima, é um acervo, um cabedal de vivência humana que pode nos servir de alguma forma e não podemos, sob o pretexto de não termos tempo, relegar as pessoas a um canto porque estão velhas – porque as pessoas não são coisas e porque até as coisas velhas são aproveitáveis. Vimos na campanha de Natal que fizemos para os velhinhos, como os objetos velhos podem ser valiosos para alguém; que dizer, então, das pessoas? Não se pode abandonar cada qual fechado em seu silêncio, o Verbo tem que converter-se em carne, tem que se encarnar, tornar-se pessoa – a minha, a sua pessoa, cada pessoa da humanidade, neste e em cada Natal.

A proposta que faço é que este seja de fato o Natal do diálogo, em que, se não houver a festa, a ceia, o presépio, a árvore, o enfeite, a decoração, o adorno na porta, haja pelo menos uma conquista: falei com quem não falava há muito tempo, procurei alguém para ouvir e ser ouvido, apesar de um desentendimento anterior fui em busca de um esclarecimento ou o dei, ou visitei alguém esquecido, doente e desinteressante.

Porque visitar uma pessoa alegre, moça, jovem, saudável, significa divertimento, não é doação nenhuma. Ao contrário, precisarei superar milhões de dificuldades para estar com alguém que precisa de mim, da minha companhia, da minha presença. Supera-

rei a preguiça para escrever uma carta, um cartão, para telefonar ou deixar um bilhete, ou para abordar, com uma pessoa amada, um assunto espinhoso que estava adiando há muito tempo. Ao dialogar, porém, permiti que o Verbo se fizesse carne, que as palavras se humanizassem.

Depois do diálogo com o outro que está à sua frente há o diálogo com você mesmo, que é fecundo, é uma razão que pergunta e, muitas vezes, um coração que responde, ou, ao contrário, um coração que pergunta e uma razão que dá a resposta. Converse com você: quanto tempo você tem dado a si mesmo naquela poltroninha, naquele cantinho? É na hora em que se deita para dormir, morto de cansaço, exausto por ter feito compras o dia inteiro, que você conversa com o seu suor, com suas provisões? Não, na realidade você não tem reservado um tempo para pôr-se em ordem com seus pensamentos, suas ações, sua forma de ser, para fazer um bom exame de consciência. Então você começa a perguntar-se: "Vou entrar nessa outra vez?"

Ah, que bom, Natal e Ano Novo, vida nova, tudo vai melhorar! E todas as coisas que você dizia que mudaria no ano passado e que continuaram tal e qual estavam? Pergunte quantas conquistas propôs a si mesmo no decorrer deste ano que chega ao fim sem que as tivesse atingido. Veja quanto de fato conquistou e congratule-se, alegre-se por isso, mas veja também o que gostaria de estabelecer como metas para o próximo ano. Não é preciso que sejam metas grandiosas, podem ser coisas pequeninas, que talvez os outros nem percebam e que só você saiba, dando-lhe o gosto e o sabor da alegria da conquista por havê-las conseguido. Não é preciso prometer deixar de fumar em definitivo: se conseguir, no próximo ano, fumar uma, ao invés de duas cartelas por dia, você já estará ótimo, pois terá começado a mudar um pouco, a melhorar. Não vou propor a mim mesmo não mais falar mal de pessoa alguma. Posso fazer um levantamento diário: de quantas pessoas falei mal hoje? Se forem dez e amanhã eu conseguir falar só de nove, veja, terei progredido. Não são metas absurdas. Pense também, como proposta, nas pessoas que você pretende alcançar, contactar, cultivar, no próximo ano. Faça um programa para atingi-las, para chegar até elas, e depois converse com o seu Deus a respeito, de uma forma muito pessoal – conversar com Deus não é simplesmente rezar com fórmulas prontas, sejam quais forem. Não é sentar-se, ajoelhar-se dentro de um muro de lamentações e pedir: "Ah, meu Deus, fazei com que eu passe no vestibular, com que fulano volte mais cedo para casa, com que fulana se apaixone por mim e pense em mim, fazei com que fulana vá bem na operação!" Às vezes rezar não é pedir nada, mas simplesmente colocar-se na atitude passiva de receber alguma coisa. Não é só falar a Deus, mas também ouvi-Lo, ouvir o que Ele tem a nos dizer, inspirando-nos sob a forma de amor que Ele é.

Mas converse de modo muito pessoal – vá lá um pouco de queixa, de pedido, mas que haja também, um pouquinho que seja, de agradecimento e de silêncio. Se sua prece puder incluir um mínimo de agradecimento e de silêncio, talvez você esteja começando a rezar, a orar de fato neste Natal.

Não sei bem como eu, Archanjo, vou rezar neste Natal. O Natal sempre é para mim, como já disse, a encarnação do Verbo, a concretização, a humanização da palavra criadora. Por outro lado, isso nos é proposto de um modo tão pequeno e humilde, tão frágil, tão nítido, não é? O Natal não é o grande Deus, a grande força cósmica, o todo-poderoso que vem do universo, não! É um menino nascendo numa manjedoura, entre os animais, perseguido, num lugar escondido. Fico até constrangido de falar com esse menino Jesus que vem para o Natal; diante do mundo em que vivemos e que procurei apresentar a vocês, eu teria medo e pena de Lhe dizer e talvez nem Lhe dissesse:

Ó menino, meu menino, eu sei que todos os anos, pela nossa tradição, você tem que vir outra vez a nós e ser celebrado como o Verbo que se encarna, mas a minha vontade é pedir: não venha não, menino, não venha, porque a terra está feia, a terra está triste, está toda impregnada e ameaçada de morte. Há doenças por toda a parte, não venha a nenhum lugar deste mundo, você terá dificuldades muito grandes, já não há mais estábulos nem lugar nas estalagens, nem grutas para você poder nascer. Talvez você procure, à medida que crescer em graça e beleza, discutir com os doutores do templo. Mas já não há templos, há casas de negócios; já não há doutores, há negociadores. Se apesar de tudo, meu menino, você conseguir chegar aos trinta anos e for convidado para umas bodas, ninguém vai Lhe pedir para transformar água em vinho, talvez você tenha que transformar outra bebida qualquer em água, em água despoluída, desintoxicada, que não é a que nós bebemos. Você não será convidado a multiplicar pães e peixes, porque será preciso primeiro descontaminar nossos mares, lagoas, rios, e descontaminar os solos e os alimentos dos agrotóxicos, para que possamos comer. Não vai haver mais um Lázaro ou um escravo a quem devolver a vida, você virá para devolver a vida a todos os mortos-vivos que somos, um pouco, todos nós.

Por isso a minha vontade é pedir: não venha não, porque é provável que nem Sua crucificação aconteça de novo; o mais provável é que não o ouçam, simplesmente, não Lhe darão a menor atenção, vão pensar que você é um *outsider* qualquer. Mas sei que você tem que vir, que acima de tudo você precisa vir e, mais que isso, que você *quer* vir.

Vou pedir que você venha ao menos ao meu coração e fique aqui dentro, no mais fundo de mim mesmo, muito quieto, muito quietinho, meu menino. Durma, seja bem-vindo e sobretudo sonhe, porque quando você sonhar eu voltarei a ter as idéias mais

lindas e mais nobres, de paz, de harmonia, de fraternidade, de um mundo bonito e melhor, em que todos se amem como a si mesmos. Não importa que você desperte, porque se você chorar dentro de mim você estará me advertindo, me alertando, me despertando para tanta coisa errada que anda aí à nossa volta. Mas quero que você chore, porque, como criança, você passa com facilidade do choro e das lágrimas ao riso... Se você chorar dentro de mim, meu menino, tenho certeza de que logo depois você vai rir, e que então eu voltarei a ser feliz, a vibrar e a sentir vibrar dentro de mim o verdadeiro espírito de Natal, do Seu Natal, do Seu nascimento. Se você crescer, meu menino, sei que vai aprender a falar, e quando isso acontecer, você, que é a encarnação do Verbo, o Verbo se fazendo pessoa, você que é a palavra por excelência, vai me ensinar a falar com os meus irmãos.

Então você estará nascendo dentro de mim, e chegando àquele fundo, àquele íntimo mais íntimo de mim mesmo, onde há uma necessidade fundamental e essencial de alegria e contentamento.

Sei que você quer vir e quero muito que você venha, para tocar de fato nesse cerne de mim mesmo que tem que ser alegria e contentamento, para que eu comece a fazer as tarefas próprias do espírito de Natal, para que eu possa abraçar os meus irmãos; para que eu possa trocar presentes que sejam presenças, ouvir e falar, enfeitar a minha casa, sim, fazer uma ceia, armar um presépio, mandar preparar um doce gostoso. Não, não apenas dormir para alimentar com meu sentimentalismo a lembrança de Natais passados, “porque vovó fazia assim e mamãe assim, porque papai gostaria que fizesse assim”, mas acima de tudo porque, ao festejar cada pessoa que vier ao meu encontro estarei festejando o Seu Natal, o Seu Nascimento, o Seu aniversário. E verei cada pessoa que vier a mim sob a forma de uma criança, também colocada neste céu de alegria e contentamento. Talvez então, com muita simplicidade e ingenuidade, prescindindo até da consciência e lucidez que me mostram um mundo tão feio, mas com a espontaneidade do meu amor que me mostra um mundo tão lindo dentro de mim, eu possa, devagarinho, acreditar na criança que você é: tão frágil, mas tão poderosa, Verbo feito carne, e que eu possa cantar, com você dentro de mim, neste Natal que tem que ser um Natal de criança, de luz, de estrela-guia, o Seu Natal, meu menino Jesus, e você me ensinará a cantar com muita simplicidade e alegria.

Perdão, mais uma vez, por não poder lhes dar a mensagem de alegria e otimismo por tudo que está lá fora. Mas que possamos lembrar-nos, com alegria, espontaneidade, simplicidade e intimidade, desse Natal interior, com a nossa criança interna mais linda unida ao símbolo da criança eterna que é o menino Jesus. E o nosso Natal poderá ser o Natal da palavra, do diálogo, e, ainda e sempre, graças a Deus, um Natal de amor.

MITOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO

Nos primeiros séculos depois da sua descoberta, a escrita recebeu alguns reparos que se repetiram em todos os avanços seguintes da comunicação humana. Num dos seus *Diálogos*, Platão critica a influência da palavra escrita na sociedade, na medida em que ela separa o conhecimento do detentor desse conhecimento. Muito tempo antes, uma lenda egípcia conta como, tendo um deus levado ao faraó uma nova invenção – a escrita –, e tendo dito ao monarca que aquilo seria útil ao povo para que ele se lembrasse das coisas, respondeu o faraó que não, que se tratava de

um modo de induzir o esquecimento, porque “a escrita afasta o conhecimento, da mente que se propõe conhecer”. Mas Platão também foi sábio quando observou, atribuindo suas preocupações a Sócrates, que uma das dificuldades com a escrita é que ela viaja muito, “e chega às mãos de pessoas que não sabem o que fazer com ela, desenvolvendo uma espécie de conhecimento separado, uma forma de vida independente, como se fosse uma nova coisa”. Nos 23 séculos que se passaram desde então, essa foi talvez uma das últimas coisas originais que foram ditas a respeito da comunicação.

LUIZ CARLOS LISBOA

Jornalista e escritor

Até a invenção da tipografia, os que se envolveram com a informação tinham uma noção mais ou menos clara dessa questão fundamental: o conhecimento puro e direto era algo que se perdera no passado e talvez pudesse ser recuperado, sendo essa recuperação tarefa do intelectual. Esse anseio pelo que foi perdido ou esquecido dominou um mundo que já possuía a escrita, e que fazia dela um instrumento de busca. Com Gutenberg, o saber transformou-se em alguma coisa que podia ser acumulada, e essa era ainda uma tarefa dos intelectuais, dos escribas e pensadores. As preocupações de Platão, assim como as do faraó que viveu muito antes, pareciam perfeitamente procedentes. A idéia de acumulação de um saber levaria fatalmente ao computador, à informática e às técnicas holísticas.

Para entender essa questão geral da comunicação, transformada hoje em “problema”, como quase tudo que nos cerca, podemos partir de um pressuposto para elaborar algumas idéias, e em seguida voltar ao ponto inicial para examinar sua validade. Supondo que a realidade é simples, mas a sua análise (ou decomposição, no sentido original da palavra) é sempre complexa e sujeita a ramificações, chegamos ao significado da palavra escrita, ao sentido da palavra falada e à estrutura comum do pensamento – que é feita de montagens verbais. Não é a palavra escrita apenas que “afasta o conhecimento, daquela mente que se propõe conhecer”. A maneira fragmentada como pensamos é que faz essa separação. Ora, o consciente humano só se expressa dessa forma, e de nenhuma outra forma conhecida. A imensa e jamais negada utilidade do discurso (da fala pensada, falada, escrita e hoje digitada), não é suficiente para disfarçar sua extraordinária limitação quando se trata do conhecimento puro, da apreensão da realidade objetiva.

A teoria da comunicação, embora recente, está mais recheada de discursos do que as antigas técnicas humanas. O espaço que ela ocupou em sua curta existência e o papel que lhe atribuem no futuro, fizeram com que se falasse muito a seu respeito. Hoje, seus desdobramentos – a informação não é mais tributária de um sistema de comunicação de massa, mas sim dependente da comunicação entre usuários de um mesmo sistema comunicacional – estão gerando muito material “pensado-falado-escrito-digitado”. Apesar de tudo, ainda hoje lembramos que é o conhecimento do real que a informação visa, através de um sistema que imita a intuição humana: a informática. Mas se a noção desse conhecimento mudou com a invenção da imprensa, passando de uma transmissão quase sagrada da realidade direta (aquilo a que Eckhardt, no século XIV, chamou *Istkeit*) para uma elaborada acumulação de noções e dados, a técnica não parou um instante para se dar conta de que o objeto dos seus cuidados havia-se transformado. O conhecimento de que falavam

Platão e o faraó que o precedeu no tempo, não é o mesmo que alimentou primeiro as bibliotecas e depois os computadores. Os processos de industrialização que apareceram na segunda metade deste século, afastaram ainda mais a mente do conhecimento que ela se propõe dominar. O consumidor da informação já não sabe o que fazer com ela, porque essa soma de dados que se acumula diante dos seus olhos assumiu uma vida independente, “como se fosse uma nova coisa” – quando de fato é a coisa antiga muito fracionada, como os cacos de uma peça de porcelana que se despedaçou.

As questões gerais que se colocam a partir desses fenômenos, no mundo da comunicação que conhecemos – o jornal, a televisão, o cinema, o computador –, estão apoiadas em algumas verificações fáceis de fazer. No Brasil, hoje, temos quase que somente a comunicação de massa. O jornal impresso em casa, com edições sucessivas no período de um dia, a TV por cabo, as experiências de comunicação eletrônica nos dois sentidos, ainda são coisas sobre as quais lemos ou apenas ouvimos falar. Temos no cotidiano o *bezerro de ouro* da televisão, uma espécie de máquina de hipnotizar que nos seduz lentamente, e da qual não queremos mais nos livrar. Quanto maior a crise econômica, a violência e a “carnavalização” da política, mais precisamos daquela que é uma intérprete do mundo, e ao mesmo tempo um analgésico para suportar todo o resto. A televisão tornou-se uma cicerone, e faz o papel de diretora espiritual ou guru que nos diz como entender a vida e, ao mesmo tempo, nos ensina como esquecer aquilo que dói na vida. A TV, como o jornal e a revista populares, o rádio e o cinema digestivos, não se desenvolveram como resultado de aperfeiçoamentos técnicos que conduziram a um efeito inesperado e delicioso, mas resultaram da busca de identidade e da sede de preenchimento que guiaram os passos da técnica até a obtenção de um “remédio”. As novas técnicas, em geral, são filhas de necessidades e carências humanas, não simples produto do acaso ou consequência de aperfeiçoamentos. Esse entendimento é fundamental para a percepção do fenômeno da comunicação hoje.

O processo de acumulação de dados como base do conhecimento tornou-se mais visível depois do advento da imprensa, mas é claro que antes de Gutenberg essa era uma predisposição humana. O conhecimento que se visava anteriormente era outra coisa, mas a mudança de objetivo não foi sequer notada pelo homem, tanto que há pouquíssimas referências a essa troca de alvos. Como o caçador que buscava uma presa mas se contentou em trazer caça menor, a humanidade não somente resignou-se em trocar a qualidade pela quantidade, como não se deu conta disso. Hoje, os comunicadores são coletores e disseminadores de informação, e estão tranquilamente convencidos de que é preciso trazer o mundo objetivo para a cabeça do con-



sumidor do seu produto. Os especialistas colhem a informação, escrevem-na, colocam-na em computadores e vendem essa informação a alguém. Pesquisadores, professores, consultores, estão fazendo cada vez mais a mesma coisa, do mesmo modo, com a mesma preocupação. Impõe-se, então, a pergunta, face à realidade de um mundo de coletores de informação trabalhando com a certeza de que estão desempenhando uma tarefa importante: que fazer com toda essa informação, qual seu significado, o que motiva os homens, no fundo do coração, a se transformarem em colecionadores de fatos, de números, de imagens, de fórmulas, de definições, de símbolos? Essa é a questão que está por trás do fenômeno da comunicação, e ela precisa permanecer como pergunta para que possa estimular a investigação interior que dissolve miragens no homem, e permite ver um pouco mais adiante no nevoeiro das palavras.

Os profetas da comunicação estão provavelmente certos quando dizem que os conceitos tradicionais de capital e trabalho serão substituídos por aqueles do conhecimento e da informação. A mercadoria do futuro estará contida num disquete, ou num vídeo-teipe – mas isso não muda muita coisa do problema. O videotexto, o videocassete, os microcomputadores, os satélites domésticos, as fibras óticas, não podem ser compreendidos apenas do ponto de vista técnico – e é inteiramente inútil denunciar a tecnologia. “Quando existem tantas imagens disponíveis num Cosmo inundado de simbolismo” – diz Max Lerner, professor da Universidade de Notre-Dame e autor de

livros sobre comunicação – “o que conta como poder é a seleção dessas imagens”. E aí surge a outra face do problema: a manipulação sutil da nova mercadoria, operada com frequência de maneira inconsciente, a partir da convicção de que ela é preciosa em si mesma. Aquele poder de selecionar que sempre foi exercido onde dois homens ou mais se reuniram e trabalharam, é o que faz, mais do que nunca, o poder no mundo contemporâneo. E, muito ao contrário da convicção geral, quem manda na mídia é o inconsciente de quem a faz – não do comandante-em-chefe, ou dos soldados rasos, mas da pequena oficialidade. Não há estratégia ou planejamento que resista a tantas ramificações, a tantos efeitos somados, a tão variados imprevistos. Além do mais, os resultados no público-alvo são imprevisíveis até hoje, quatro séculos depois de Gutenberg, e eles costumam somar-se com outros efeitos também incontrolláveis. O que resta do planejamento da mídia, depois que ela atua, são traços gerais. A maior parte das conseqüências tem origem nos quadros intermediários – os verdadeiros donos da comunicação, se há algum. Pelo menos, até que o computador assuma inteiramente o controle da situação, será assim.

A palavra falada é muito mais poderosa do que a palavra impressa jamais foi. Esse poder exercido sobre estruturas simbólicas governa nossos sentimentos, nossos pensamentos, nosso coração, quando não sabemos como ele atua e que colaboração lhe damos. A mídia eletrônica está muito mais sujeita ao acaso do que se imagina, o que é extraordinário, porque ela influencia muito mais que as outras formas de comunicação. Esse acaso é chamado assim por conveniência, para ajudar o entendimento: na verdade, é o que foi dito antes, se alguém manipula é a *pequena oficialidade*, que tem consciência muito escassa de seu poder. Mas não é preciso saber que se tem força, para exercê-la. Os meios de comunicação em geral expressam, no mundo inteiro – exceto nos regimes totalitários –, um pouco da realidade inconsciente dos chefes, redatores, pauteiros, *copies* e repórteres especiais. Não é o que eles pensam que são o que prevalece, é o que eles são e às vezes não sabem, o que predomina. Por isso, talvez, a exigência de diploma no jornalismo assume importância tão grande aos olhos de algumas lideranças políticas mais atentas à questão do poder. Uma imprensa livre, assim como uma televisão independente, são necessárias, mas a liberdade interior de quem atua nos escalões intermediários desses veículos precede qualquer outra consideração. Em futuro próximo, com a comunicação em dois sentidos, com os jornais interativos, com o leitor dialogando com o jornalista, essa liberdade será cobrada a cada momento, e a mídia terá um papel mais claramente pedagógico. O público poderá então interessar-se por temas que hoje ignora ou despreza, saindo de suas preocupações diárias, de suas rotinas mentais.

A VISÃO TRANSPESSOAL: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Roberto Ziemer

A Décima Conferência Transpessoal, abordando "A VISÃO TRANSPESSOAL: PASSADO, PRESENTE E FUTURO", realizou-se de 9 a 14 de outubro de 1988, em Santa Rosa, Califórnia, E.U.A.

Os encontros internacionais sobre a perspectiva transpessoal vêm ocorrendo, desde 1972, a intervalos regulares. A Islândia foi o primeiro país a sediar um congresso sobre a visão transpessoal, e o Brasil teve a oportunidade de organizar a quarta conferência, sob a direção de Léo Mattos e Pierre Weil. Naquela ocasião foi formada a *International Transpersonal Association (ITA)*, sob a presidência de Stanislav Grof.

Devido às dificuldades de organização do encontro de 1985, em Kyoto, no Japão, ocorreu um intervalo de três anos para que se tornasse viável o congresso em Santa Rosa, resultado principalmente do incansável esforço de Stanislav e Christina Grof, contando com o apoio financeiro da Heldref Foundation, fundação educacional sediada na cidade de Washington.

Tendo sido este o décimo encontro, nada mais oportuno do que congregar profissionais e estudantes da área transpessoal para rever o passado, explorar o presente e refletir sobre o futuro do movimento. A conferência reuniu aproximadamente 1 200 pessoas, número que surpreendeu os próprios organizadores e que confirmou a importância da abordagem transpessoal neste momento de nossa história.

O maior grupo de participantes era dos E.U.A., seguido pelo da Europa e do Japão. A América Latina foi representada principalmente por argentinos e brasileiros que expuseram, entre outros assuntos, temas livres sobre o desenvolvimento na área transpessoal, a partir da realidade de seus países.

A VISÃO TRANSPESSOAL

A visão transpessoal emergiu, nas últimas décadas, como resultado do esforço cooperativo entre os pioneiros de várias áreas do conhecimento humano, desde as ciências físicas e naturais ("hard sciences") até as artes e a religião. É uma visão que oferece uma alternativa à abordagem niilista e desumana que impera nos vários domínios do conhecimento, procurando religar a sabedoria perene das religiões e tradições místicas aos novos paradigmas da ciência moderna.

Para a teoria transpessoal, o desenvolvimento humano tem como primordial objetivo a realização espiritual. É uma perspectiva que oferece a compreensão total da natureza do homem; sua proposta diz ser de extrema importância que a dimensão espiritual – compreendida de modo experiencial e não institucional – tenha um papel fundamental no desenvolvimento da ciência moderna.

Na Décima Conferência Transpessoal deu-se particular destaque ao potencial dessa perspectiva como meio efetivo de enfrentar a crise global que ameaça nosso planeta.

PRINCIPAIS TEMAS APRESENTADOS

A conferência obedeceu a um programa intensivo; houve sessões matinais, vespertinas e noturnas, de segunda a sexta-feira. Temas livres, de 45 minutos de duração, foram divididos em oito blocos principais, totalizando mais de uma centena de trabalhos, sem contar as palestras especiais. A temática foi tão ampla que incluiu, para citar aleatoriamente, desde estudos sobre modelos do inconsciente humano até o fenômeno dos UFOs visto sob a ótica transpessoal, os hábitos da natureza e a crise da meia-idade.

Tal variedade temática demonstra claramente a viabilidade da proposta transpessoal como uma abordagem da vida em seu sentido mais amplo, e não apenas como uma nova corrente de psicologia.

Selecionamos alguns trabalhos de cada bloco de temas livres, com a intenção de propiciar ao leitor uma idéia das possibilidades de estudo e aplicação do conhecimento transpessoal, reportando-nos às informações constantes do programa da Conferência.

1. A tradição espiritual antiga e a psicologia transpessoal.

- a) Como o Buda poderia ensinar na Califórnia?
Jack Kornfield.

Com seu conhecimento profundo do budismo e da psicologia ocidental, Jack Kornfield destacou a importância da compaixão no mundo moderno, dizendo como as práticas orientais de meditação, os ensinamentos e a ética budista estão se adaptando à cultura atual, e como podem ajudar-nos a lidar com a confusão do mundo de hoje.

- b) Atenção ou desatenção. Despertar ou Samsara.
Charles T. Tart.

Charles Tart, um dos pioneiros da visão transpessoal, destacou a importância da atenção como elemento fundamental para a transformação. Quando desatentos, vivemos apenas parcialmente, em transe, sonhando. O expositor sugere que poderemos erradicar muito sofrimento se observarmos mais atentamente, sem julgamento, a nós mesmos e ao mundo. Isso fará com que despertemos para a percepção da realidade como ela é, sem fantasias ou autodeturpações, o que resultará numa ação mais precisa, menos destrutiva e mais criativa.

2. A teoria transpessoal e o novo paradigma científico

- a) Mente sadia, corpo sadio: unindo valores espirituais e materiais. Ken Pelletier, Ph.D.

Apesar de sabermos muito sobre as doenças, ainda sabemos muito pouco sobre a saúde, e sobre como o desenvolvimento de valores espirituais age sobre esta. Nosso modelo atual do homem, o "indivíduo bem sucedido", apenas contribuiu para o maior desequilíbrio entre o corpo e a mente, decorrendo, em consequência, várias somatizações. Ken Pelletier discutiu um novo modelo de saúde que define a relação entre os valores espirituais e a saúde, tanto para a realização interior quanto exterior do ser humano.

- b) Os hábitos da natureza. Rupert Sheldrake, Ph.D.

Doutor em bioquímica por Cambridge, Sheldrake apresentou a hipótese de que a natureza não atua de forma mecânica, e que cada tipo de sistema — dos cristais e pássaros, até as sociedades humanas — não é formado por leis universais que abrangem e dirigem todos os sistemas, mas sim por campos morfogenéticos únicos, dotados de uma memória coletiva ou comum. Dessa maneira, os organismos não apenas compartilham material genético com outros de sua espécie, mas são formados também por um campo específico, inerente à espécie a que pertencem.

- c) As implicações da pesquisa da consciência para a

teoria e a prática da psicoterapia.
Stanislav Grof, M.D.

Grof, um pioneiro da pesquisa dos estados não usuais de consciência e de sua repercussão na compreensão do inconsciente humano, analisou os novos conceitos e estratégias utilizados em psicoterapia, baseados em pesquisas recentes sobre a consciência humana. Durante a apresentação foram comparados os paradigmas tradicionais e atuais do inconsciente, no sentido de compreender a natureza humana, as dimensões da psique, a arquitetura da psicopatologia, o papel do terapeuta e do paciente e os mecanismos efetivos de cura.

- d) Uma reformulação das idéias sobre o "eu".
James Fadiman, Ph.D.

Tendemos a aceitar, implicitamente, a possibilidade de sermos um único "eu" unificado, apesar de a nossa experiência diária mostrar o contrário. Para o expositor, Freud, William James e Assagioli tentaram compreender com maior profundidade esta questão, sem sucesso, porém.

Somos, na verdade, múltiplos "eus", tese que Fadiman ilustrou com dados obtidos em inúmeras fontes, inclusive com as experiências do cotidiano dos participantes do congresso.

- e) O desafio transpessoal ao paradigma científico.
Willis Harman, Ph.D.

A dimensão transpessoal representou, através da história, um aspecto intrínseco e importante da experiência humana integral. Na medida em que a ciência moderna tomou forma no século XVIII, adotou a hipótese positivista e reducionista que a tornou tão eficiente na previsão e no controle dos fenômenos naturais, mas que a marcou com uma profunda inabilidade para lidar com toda a riqueza da existência humana. Segundo Harman, apenas agora, no final do século XX, começamos a vislumbrar como a ciência moderna poderá libertar-se dessa limitação, sem perder, contudo, a fidelidade ao espírito científico de investigação.

3. Terapias transpessoais

- a) As sementes da cura: explorando as experiências transpessoais na infância.
Thomas Armstrong, Ph.D.

Embora alguns teóricos transpessoais tenham a tendência de ver a infância como um estágio pré-egóico do desenvolvimento psicológico, Armstrong ressalta a existência de um componente transpessoal frequentemente negligenciado pelos pesquisadores da consciência. A presente exposição teve como objetivo compreender a dimensão transpessoal do início do desenvolvimento psicológico, e explorar sua freqüente inter-relação com a consciência pré-egóica e egóica. Foram comentadas experiências com

sonhos arquetípicos, experiências-cume e exemplos de curas espirituais na infância, conseguidas em meio a sérios maus-tratos físicos ou emocionais.

- b) Imagens mentais que curam: sabedoria antiga e ciência moderna. Anees A. Sheikh, Ph.D.

Através dos tempos e em inúmeras culturas a utilização das imagens mentais tem sido considerada um poderoso agente do processo de cura. Pesquisas científicas recentes têm demonstrado que rápidas e profundas transformações emocionais, psicológicas e fisiológicas podem ser efetivadas através das imagens mentais.

4. Abordagem transpessoal em relação ao nascimento e à morte

- a) Imagens de morte e transformação no nascimento. Barbara R. Findeisen

Nesta sessão, Findeisen apresentou alguns casos ilustrando cada uma das quatro matrizes perinatais estudadas por Grof. Foram focalizadas as memórias do período intra-uterino, durante e nas primeiras horas depois do nascimento, ocasião em que se formam, a partir da intensidade desta experiência, as atitudes básicas da vida e os padrões de defesa. Foram mostradas, em vídeo-teipe, diversas regressões, nas quais algumas pessoas tiveram experiências com cada uma das matrizes, além de uma variedade de outras experiências de morte e transformação.

- b) Para o momento da morte. Sogyal Rinpoche

Segundo a perspectiva budista a mente tem dois aspectos:

1. a mente ordinária, chamada *Sem*, em tibetano;
2. a consciência fundamental ou clareza da mente, conhecida como *Rigpa* na mesma língua.

Sem, a mente ordinária, inclui o senso do "eu", cuja experiência gostaríamos que fosse contínua. Por queremos continuar a viver, desejamos, erroneamente, que a mente ordinária tenha continuidade, pois para nós ela é a única indicação de nossa existência.

Existe, porém, na realidade, outro aspecto de nós mesmos de que não temos consciência e que está além da mente ordinária, cheia de superstições. Ela é nossa verdadeira natureza; ela não morre, sobrevive. A questão central do ensinamento budista é conseguir, através da meditação e de práticas, realizar essa natureza mental que está além do nascimento e da morte.

Adquirir confiança e o conhecimento que nos tornem capazes de reconhecer essa mente preparanos para qualquer tipo de transição. Quando nos deparamos com a morte, conseguimos deixar esta vida com mais confiança, compreendendo que, na verdade, não estamos perdendo nada – de fato, estamos apenas ganhando.

Sogyal Rinpoche é um lama tibetano, professor de meditação. Nos últimos doze anos vem ensinando no Ocidente a abordagem tibetana da morte, mostrando como a sabedoria dos ensinamentos budistas pode trazer à sociedade moderna uma melhor compreensão dessa experiência, auxiliando-nos a cuidar daqueles que estão morrendo.

5. Busca espiritual, apego e vício

- a) O vício como emergência espiritual. Christina Grof.

Christina Grof falou de seu trabalho nesta área, afirmando que a dimensão espiritual tem um papel relevante na psicodinâmica do alcoolismo e outros vícios, contribuindo de maneira capital para o tratamento dessas aflições.

O fato de que grande parte da população atual do mundo sofre algum tipo de dependência química (álcool, drogas ou medicamentos), reflete um dos valores essenciais de nossa civilização, ou seja, a busca da felicidade em objetivos exteriores ao indivíduo e a conseqüente negação de nossa natureza espiritual.

6. Abordagens transpessoais para a crise global

- a) O nascimento de um planeta sagrado. Gordon Feller.

As perspectivas psico-espirituais converteiram-se em elementos importantes das políticas transformativas atuais. Feller comentou que, na medida em que a crise de consciência e de conhecimento alcança todos os níveis, do pessoal ao planetário, abarcando desde a paz até a poluição e a pobreza, uma visão mais abrangente da realidade, que inclui tanto o nível pessoal quanto o espiritual pode ser articulada mais claramente do que jamais o foi no passado.

- b) Espiritualidade e responsabilidade social. Rev. Cecil Williams.

O conferencista analisou a situação do mundo e o papel da espiritualidade como um fator importante para enfrentarmos a presente crise. Salientou em especial a maneira de dirigir o impulso espiritual para a ação e a assistência social.

- c) A mitologia germânica e o destino da Europa. Ralph Metzner, Ph.D.

Quando vivenciamos os mitos de nossa cultura, entramos em contato com as raízes arquetípicas e os valores de nossos ancestrais. Ralph Metzner destacou o fato de os mitos dos antigos povos germânicos terem sido negligenciados, a despeito de sua relevância para o nosso tempo – parcialmente em virtude da apropriação indevida de certos temas pelos nazistas.

Comentou que a figura arquetípica de Odin-Wotan, em particular, representa um símbolo-chave para a compreensão da psique européia, podendo inclusive esclarecer o destino da Europa na crise global do século XX.

d) Democracia consciente: a televisão e a consciência social transpessoal. Duane Elgin.

A televisão representa nossa janela para o mundo e o espelho onde vemos a nós mesmos. Para enfrentarmos com êxito a crise mundial, será necessário que empreguemos a tevê como veículo efetivo de consciência social.

Nesta palestra, Elgin comentou sobre o poder da televisão de despertar e focalizar a consciência humana, e sobre seu potencial de criar um sentido significativo de comunidade global e de compreensão espiritual.

e) Em direção a novos modos de conhecimento; primeiro passo, da platéia para o palco.

Carlos M. Martinez-Bouquet, M.D.

Carlos M. Bouquet tem dedicado muito do seu esforço ao estudo das mudanças culturais da atualidade. Ele acredita que o presente desenvolvimento da cultura criará modificações favoráveis nos horizontes espirituais humanos.

Diz que a cultura emergente possibilitará principalmente o surgimento de indivíduos cognitivos, o que abrirá novos caminhos para o enriquecimento cultural e a produção de conhecimento.

7. Espiritualidade, religião e psicologia transpessoal.

a) A mitologia pessoal como fonte de orientação interior. Stanley Krippner, Ph.D.

Criar mitos, tanto no nível pessoal quanto coletivo, representa o mecanismo psicológico primário, freqüentemente inconsciente, pelo qual os seres humanos chegam a um acordo em relação às importantes questões da vida.

Os mitos pessoais e culturais convergem para governar toda a esfera importante da atividade humana. Um dilema para a era moderna é o fato de as tremendas mudanças sociais terem ultrapassado a capacidade de adaptação dos mitos culturais às novas condições de vida.

Ao compreendermos os princípios que governam nossos mitos mais fundamentais, tornamo-nos capazes de influenciar os padrões de nossas vidas, que pareciam predeterminados e inquestionáveis e, através disso, de enfrentar com êxito as rápidas mudanças que estão ocorrendo na mitologia de nossa cultura.

8. Dimensões transpessoais da antropologia

a) Peculiaridades da introdução do movimento transpessoal no Brasil. Doucy Douek, Ph.D.

Nesta conferência foram analisados os problemas específicos associados à introdução da psicologia transpessoal em nosso país. Doucy Douek focalizou especificamente os arquétipos e as sombras da

cultura brasileira, e os tipos de sofrimento encontrados com mais freqüência.

Além da semana da conferência, foram também organizados dois encontros, *workshops* pré e pós-conferência, nos quais os participantes puderam aprofundar temas específicos de seu interesse, em trabalhos de um ou dois dias.

A programação cultural e social incluiu um momento inspirador e mágico, quando Paul Horn (músico) e Chungliang Al Huang (mestre de Tai-Chi) reuniram-se numa apresentação que ligou imagens, música e dança.

Contudo, para a maioria dos participantes, um dos pontos máximos do encontro foi a palestra de Ram Dass sobre "As Promessas e os Perigos do Caminho Espiritual". O renomado explorador do espírito abordou, com seu humor penetrante e sua inteligência aguda, o significado e as dificuldades da busca espiritual.

Pela importância temática e grande qualidade das exposições, destacamos os seguintes cursos, entre aqueles que foram realizados:

1. Para uma estratégia budista em terapia. Sogyal Rinpoche.
2. A resolução criativa de problemas – aprimorando nossas habilidades. James Fadiman, Ph.D.
3. Grupo experiencial de terapia holotrópica. Stanislav e Christina Grof.
4. Treinamento intuitivo-psíquico na era transpessoal. Anne e Jim Armstrong.
5. A astrologia e a nova ciência: os arquétipos e os trânsitos planetários na moderna pesquisa da consciência. Richard Tarnas, Ph.D.
6. Novas idéias na física moderna e na pesquisa da consciência. Fred Alan Wolf, Ph.D.
7. Praticando a atenção. Charles Tart, Ph.D.
8. A árvore da vida e a árvore do conhecimento. Ralph Metzner, Ph.D.
9. Teoria e prática da terapia iniciática. Norbert J. Mayer, Ph.D.
10. A jornada xamânica, o poder e a cura: uma exploração experiencial. Michael Harner, Ph.D.

Fortalecidos pela energia da conferência e pelo número de participantes, na última sessão foi discutida a continuidade de encontros como este. Devido à importância do diálogo travado atualmente entre E.U.A. e U.R.S.S., e o reflexo dessa aproximação para que tenhamos um mundo menos violento e dividido, ficou claro que a próxima conferência, prevista para 1990, deveria realizar-se em um país socialista – na Hungria ou na Polônia, provavelmente.

Para nós, brasileiros, que vivemos um momento delicado, é de vital importância que a perspectiva transpessoal seja mais conhecida e estudada, podendo contribuir de forma concreta para a solução dos inúmeros conflitos que nos atingem, tanto materiais quando psico-espirituais ■

HOMEM PALEOLÍTICO



Vênus de Tursac

CONHECIMENTO, POSSIBILIDADES E DÚVIDAS

JEFERSON BOSCATTO

(A) ANTROPOLOGIA:

estudo do homem pelo homem

(B) PRÉ-HISTÓRIA:

o homem começando a ser homem

(A) + (B) = ANTROPOLOGIA DA PRÉ-HISTÓRIA:

evocando a curiosa

relação

antropólogo - antropófago

Doutor X - pigmeu Y

cientista - objeto

que realmente acaba por ser a

relação

homem - homem

moderno - primitivo

destino - origem

O que leva homens a desenterrar, juntar e etiquetar uma porção de ossos, restos de cerâmicas, pedras polidas e outros objetos pré-históricos bastante danificados, a fim de produzir extensas listas de entes classificados segundo as mais estranhas designações? Sob determinado aspecto, é até curioso pensar que eles se preocupem em historiar uma época tão anterior à invenção da escrita e, portanto, à própria história. Conhecer e escrever sobre um passado que não deixou registro escrito é uma tarefa semelhante à montagem de um gigantesco e complexo quebra-cabeças do qual faltam quase todas as peças. Não é nada fácil distinguir e compreender o homem pré-histórico nessa pintura apagada do que foi o começo da humanidade.

Assim colocado, o trabalho do arqueólogo e do antropólogo da pré-história talvez se apresente como uma tentativa utópica de investigar, através desses artefatos e relíquias, as possíveis dinâmicas sociais e culturais daqueles povos. Entretanto, quando consideramos a importância de tal conhecimento e que, do milhão de anos – ou mais – da humanidade, apenas cinco mil podem ser chamados de históricos, a coisa muda de figura: esses trabalhos ganham profunda significação. Afinal, é nesse longo período que, incubados ou em desenvolvimento, devemos encontrar as bases do comportamento e da organização institucional do homem. Os estudiosos não poupam suor e imaginação para recuperar o cenário e as relações originais entre cada um dos fragmentos que encontram.

Evidentemente, mesmo utilizando todo o rigor científico nessa reconstrução dos milênios, os estudiosos não podem evitar que o conhecimento do homem paleolítico deixe de ser acompanhado de especulações e incertezas, uma vez que as lacunas entre os documentos disponíveis são muitas e vastas – se é que podemos chamar de “documentos” da cultura paleolítica aos poucos testemunhos materiais soterrados pelas centenas de milhares de anos que separam os primeiros homínides dos curiosos *Homo sapiens sapiens* do século XX.

Para ter a correta dimensão das dificuldades envolvidas na exploração do modo de vida e pensamento do homem a-histórico, basta insistir neste fato: dispomos, para nosso estudo, de uma lista apenas de objetos, que inclui ossadas, instrumentos primitivos e algumas imagens remanescentes, pintadas nas paredes de certas cavernas.

E, para maior clareza de meu ponto de vista, cito uma colocação de André Leroi-Gouhan sobre as evidências de atividade religiosa do homem paleolítico.

“É como descrever uma peça de teatro, fazendo o inventário do vestuário, incluindo

do a vassoura e o machado de bombeiro (...); a religião paleolítica é um vestuário arruinado (...)”.²

Como vemos, é de fato delicada a situação do antropólogo frente ao cenário mal delineado que ele observa através de fragmentos, aqui e ali: é uma peça sem roteiro, sem diretor, e que foi apresentada uma única vez. Quais teriam sido o enredo, os atores... Quem seriam os protagonistas? Líderes empunhando cajados? Houve ritos de iniciação? Sacrifícios? Nada parece suficientemente sólido.

Contudo, a grande dificuldade não são propriamente as pistas pouco numerosas, e sim o tipo de pistas que podemos encontrar. Sob a ação dos agentes físico-químicos apenas os fósseis restaram. Eles nos dizem da anatomia do corpo humano e sua evolução, além de nos darem informações sobre a fauna, a flora e o clima nas mais diversas épocas. Também encontramos testemunhos de uma evolução tecnológica, de técnicas de produção e utilização das mais variadas ferramentas, agrupadas em **indústrias** pelos pré-historiadores. São informações valiosas, mas não esgotam, em absoluto, nosso estudo. Ainda estamos interessados numa outra gama de informações. Aquelas que se referem ao universo mental e à estrutura ético-religiosa do homem paleolítico. Ora, a *intenção religiosa* não é fossilizável, assim como não o são as palavras, os ritos, os mitos e toda sorte de elementos, dos mais ricos e complexos, do presumível sistema cultural mágico-religioso da pré-história.

Frente a isso, tudo o que pode fazer o pesquisador é sentar-se, contemplar o vestuário arruinado e, a partir de algumas indicações circunstanciais, imaginar. É isso! Imaginar! A imaginação é uma grande arma do historiador, pois abre inúmeros caminhos a serem explorados.

Podemos nos deter aqui e, indignados, recorrer à nossa velha concepção da ciência como desveladora da natureza: Que negócio é esse de **imaginação**? As coisas aconteceram de determinada maneira ou não! Tocamos aí um ponto muito importante, no que tange ao conceito de ciência. O positivismo do século XIX queria uma ciência cem por cento objetiva, na qual a realidade é *descoberta* e apresenta-se invariável diante do método e do observador. Porém, esse ponto de vista esconde o fato essencial de que todo o método e toda a teoria científica são baseados em valores. Em outras palavras, a investigação científica tem um motivo primordial dentro de um contexto socialmente estabelecido; *obedece* a uma certa diretriz. É claro que isso influencia fortemente o resultado de qualquer experiência ou pesquisa, no sentido de evidenciar este ou aquele aspecto do que é estudado.



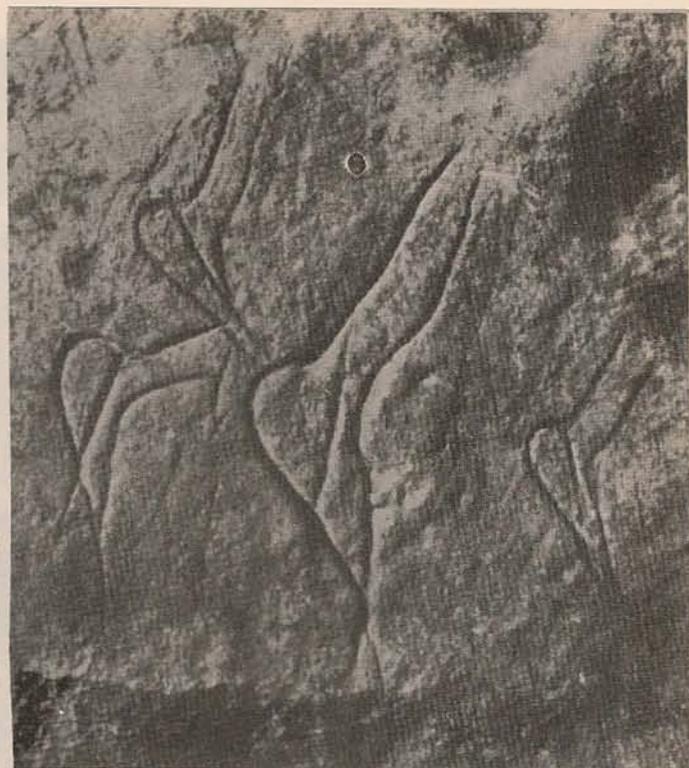
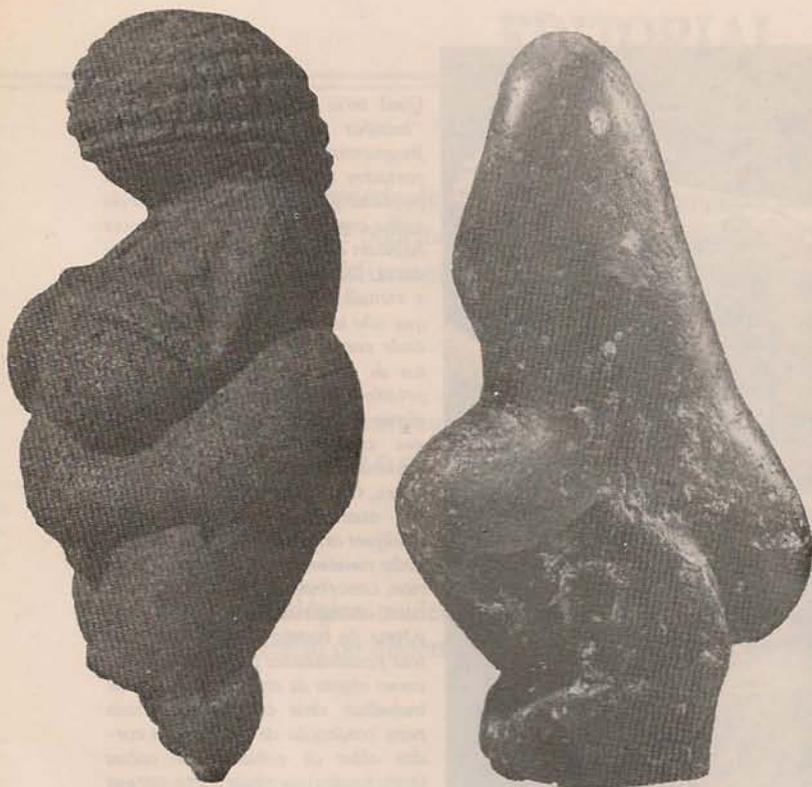
A arte nas cavernas do homem paleolítico retrata de maneira predominante animais tais como o cavalo, a rena, o bisonte, o boi e o cervo em detrimento das raras figuras humanas. Aqueles animais eram de importância vital à sobrevivência do homem não só proporcionando alimentação mas também peles para abrigo e ossos e chifres para confecção de utensílios. O cavalo em baixo à direita pertence à gruta de Pech-Merle e está associado a pinturas de mãos em negativos cujo significado não está totalmente esclarecido.

Tal conclusão é particularmente válida para o estudo da pré-história. **Duvidar** da interpretação de certos fatos considerados religiosos é pré-condição para que se elabore uma lista crítica dos eventuais erros que levariam a encontrar religião e magia onde, *a priori*, nada se pode concluir. Da mesma forma, **acreditar** na religião do homem paleolítico é essencial para que a pesquisa se desenvolva com o objetivo de mostrar o indubitável aspecto espiritual de sua vida.

Estudar o passado não é apenas **recordá-lo** mas também **recriá-lo**. É nessa perspectiva que devem ser encarados nossos conhecimentos sobre os primórdios da humanidade. As verdades absolutas e unívocas não fazem parte do conjunto da antropologia nem da história. Estudos científicos buscam encontrar evidências, não provas definitivas. Teorias são **construtos**, ou seja, possibilidades construídas e alicerçadas em preceitos peculiares a cada teórico ou corrente de pensamento.

André Leroi-Gouhan, em sua obra *As Reli-*

giões da Pré-história, alerta-nos para o fato de que uma análise minuciosa e imparcial de atividades religiosas registradas em vários episódios leva as conclusões anteriores por água abaixo. É notório o achado arqueológico das renas de Stellmoor, na Alemanha do Norte, onde numerosos esqueletos desses animais, com a caixa torácica e o abdômen cheios de grandes pedras, foram descobertos nas margens de um antigo lago. "Não se conhece exatamente a razão por que tão belo achado entrou para a literatura religiosa sob a forma de um sacrifício de renas, que teriam sido mergulhadas no lago depois de lhes terem previamente substituído as vísceras por pedras. O fato de os animais serem fêmeas enriquece ainda mais o quadro com a tonalidade, um pouco inquietante, de um rito de fecundidade. Sabe-se, no entanto, que, no que diz respeito à rena selvagem, as fêmeas emigram separadas dos machos, e que uma caçada em que apenas se matam fêmeas nada tem de extraordinário. Por outro lado, imergir completamente os animais revela-se um meio cô-



Duas representações contrastantes da figura feminina na Idade da Pedra: à esquerda vemos alguns exemplares das estatuetas femininas chamadas "vênus" e que foram o expoente da arte no período gravettense (entre 25 000 e 30 000 atrás). As formas de todas estas estatuetas mostram que o que mais interessou aos seus escultores foram as características sexuais femininas: bustos salientes, ancas desenvolvidas e sinais de gravidez. Em geral as feições do rosto são inexistentes. As "vênus" são associadas a cultos de fertilidade onde a imagem da mulher ocupa posição de figura divina. Da esquerda para a direita, a típica "vênus" de Willendorf, a excepcionalmente estilizada "vênus" de Tursac

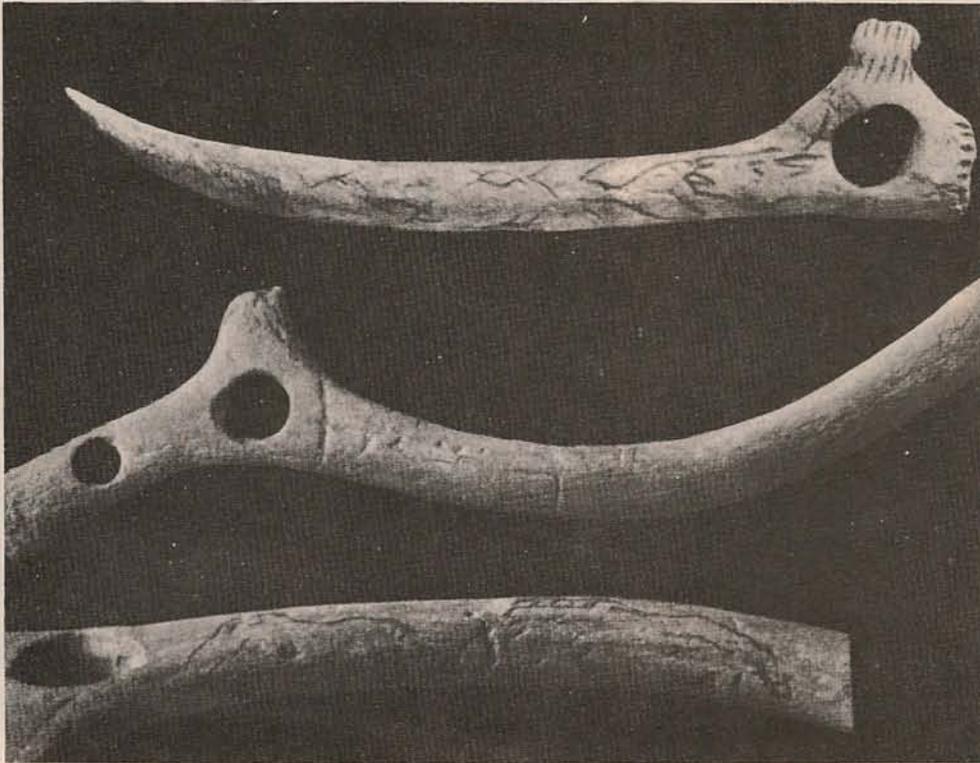
À direita, vemos, em contraposição, uma obra do período madalenense (15 000 a 10 000 atrás) onde percebe-se uma imagem bem diferente. As mulheres madalenenses, apesar da negligência, comum a toda arte quaternária, do tratamento da cabeça e das extremidades, são criaturas elegantes, frequentemente em grupo, em atitude de dança ou então bastante lascivas. Tal quadro sugere uma dessacralização da mulher que pode estar associada a um relaxamento de costumes talvez ocorrido durante a explosão demográfica e a segurança material da Idade de Ouro Madalenense. Seja como for, parece ter havido uma sensível mudança no relacionamento entre os sexos durante esse período. (extraído de A Pré-História de Denise de Sonneville-Bordes)

modo de preservar dos dentes dos carnívoros, durante alguns dias, o produto supérfluo de uma caçada; para o fazer não existia outro processo que não fosse, uma vez esvaziados, carregá-los com grandes pedras, para impedir que inchassem. Não se trata aqui de afirmar que todo e qualquer comportamento religioso tenha sido excluído duma operação semelhante, mas em vão se procurariam detalhes objetivos conducentes à comprovação de um comportamento tão complicado como o da oferta de fêmeas cujos ventres tivessem sido recheados de pedras com um fim metafísico".³

Revelando uma preocupação bastante séria e pertinente à questão do homem paleolítico, o estudioso Mircea Eliade apresenta-nos um outro aspecto do problema, de certo modo complementar à análise de Leroi-Gouhan, afirmando que, apesar da necessidade de uma postura crítica em face das interpretações dos achados arqueológicos, isso não deve se transformar em ceticismo com relação à existência de um sistema religioso paleolítico.

"Deixar em branco uma enorme parte da história do espírito humano acarreta o risco de encorajar a idéia de que durante todo esse tempo a atividade espiritual se limitava à conservação e transmissão da tecnologia. Ora, uma opinião como essa é não só errônea, mas nefasta para o conhecimento do homem. O *homo faber* era igualmente *homo ludens, sapiens e religiosus*".⁴

Segundo Eliade, tanto quanto povoar a pré-história com fantasmas mágico-religiosos e feiticeiros, constitui também um erro erradicar dela qualquer hipótese de existência de um sistema religioso por falta de provas concretas. Na verdade, não é de admirar que elas não sejam encontradas. Qualquer documento material, seja ele do Paleolítico Superior (de 40 000 a 10 000 anos atrás), da Idade Média ou do século XX,



Qual teria sido o emprego destes "bastões perfurados"? Eles são fragmentos de armação de rena, cortados à nascença de um chifre pequeno e perfurados na junção do galho com o chifre. Muitas hipóteses habitam as mentes dos pré-historiadores. Desde armas (cacete, punhal) e utensílios (martelo, cinzel, cunha), que não levam em conta a complexidade constante do objeto, até objetos de adorno (fibula, pingente) e prestígio (bastões de comando, insígnia de feiticeiro, troféu de caça), que explicariam a ornamentação bastante cuidada de que são portadores. Observamos porém que muitos exemplares não apresentam qualquer ornamento. Abandonada a visão romanesca da tribo pré-histórica, concebida nos princípios do século, abandonada foi também a hipótese do bastão de comando. Outras possibilidades foram levantadas como objeto de amarrar correias de trabalhar vime ou fibras vegetais para confecção de cestaria ou cordas além de esticador de cabos (para tendas) ou ainda porta-cargas (transporte às costas).

não traz em si evidenciada toda a simbologia e representatividade que adquiriu no seu contexto de origem. O que diria um extraterrestre que pousasse sua nave espacial em frente a uma catedral e deparasse com um crucifixo ocupando lugar de destaque no recinto? Poderia ele reconstituir a simbologia do cristianismo? Um homem pregado na cruz... Seria ele um herói ou um mau elemento punido pelo seu erro? Talvez uma vítima... E a bandeira da União Soviética? Um martelo e uma foice... Certamente seria bem improvável de ocorrer ao nosso alienígena a idéia da "força política do proletariado".

É semelhante, a nossa situação frente aos artefatos pré-históricos. Um machado ou uma lança se mostram apenas no seu aspecto útil; assim como a foice e o martelo. Estes documentos caracterizam-se pela sua "opacidade"⁵, através deles não transparece nada de um possível valor extra-utilitário.

Porém, as considerações acima não nos conduzem, absolutamente, a um deserto de esterilidade cultural pré-histórica. É verdade que toda a gama de instrumentos envolvidos pelo seu valor útil nos traz algumas dúvidas; contudo, uma outra classe de artefatos também se evidencia no legado da pré-história. São as pinturas, os entalhes e os objetos de óbvio cunho artístico em geral.

"A pergunta que se gostaria de fazer, mas sem nenhuma esperança de resposta, é até que ponto nesta série algum artesão manipulando sílex ou madei-

ra foi além do que era estritamente necessário para a utilidade e removeu uma lasca ou poupou uma marca apenas pela aparência, dando a ele uma agradável mas desnecessária simetria; realizando, assim, um ato gratuito que transformou uma ferramenta ou arma, um simples e puro artefato, numa ferramenta ou arma que também era uma obra de arte. Tudo o que sabemos é que isto provavelmente ocorreu durante o Pleistocênio médio, há um quarto de milhão de anos atrás".⁶

Levantado outro problema – o qual não pretendemos tratar demoradamente – devemos lembrar que de modo algum se pode separar a arte dos demais aspectos culturais da vida do homem. Na verdade, podemos até caracterizar um *continuum* arte-religião-técnica-linguagem que predominava na origem dos sistemas culturais da pré-história. Na tentativa de resgate desse *continuum* a arte assume papel vital, já que é através dela que se pode ter acesso mais direto às formas de expressão e visão de mundo do homem pré-histórico. Isso se justifica pelo fato de a arte ter uma função bem definida nesse período. Toda pintura, escultura ou entalhe contém uma mensagem, que nos é evidente ou não, mas que se refere à "necessidade, ao mesmo tempo física e psíquica, de assegurar a apropriação do universo pelo indivíduo ou grupo social, de realizar a inserção do homem através do aparelho simbólico, no campo movido e aleatório que o envolve".⁷ Podemos então admitir que a arte, segundo esta função, tem um aspecto fortemente religioso.

A arte paleolítica segue uma linha de evolução bem clara, como em qualquer movimento artístico. Podemos perceber de início uma grande imprecisão nas representações quase abstratas que, gradativamente, se transformaram até atingir um realismo e uma profusão de detalhes impressionantes. O quadro abaixo⁸ ilustra a cronologia de estilos desde o período Chatelperronense (35 000 anos atrás) até o Madalense (10 000 anos atrás):

PERÍODO	ESTILO	CAVALOS	FIG. HUMANAS	SIGNOS
MADALENENSE RECENTE 10.000	RECENTE IV			
	ANTIGO			
MADALENENSE MÉDIO 13.000	RECENTE			
	ANTIGO II			
MADALENENSE ANTIGO 15.000	RECENTE			
	ANTIGO II			
SOLLUTRENSE 20.000	II			
	II			
GRAVETTENSE 25.000	II			
	I			
AURIGNACENSE 30.000	I			
	I			
CHATTEL-PERRONENSE 35.000	PRÉ-FIGURATIVO			

Até há pouco tempo, costumava-se associar a imagem do homem paleolítico à de um europeu mentalmente inacabado, engatinhando na construção de um mundo racional que só mais tarde se consolidaria. É importante notar que tal postura carrega uma parcialidade muito grande, na medida em que toma como parâmetro a sociedade moderna.

“Explicar as sociedades primitivas dizendo o que lhes falta (o “sem”) é manter, implicitamente, como modelo explicativo a nossa sociedade, e como sociedade plena – isto é, com escrita, mercado, com Estado e com história”.⁹

O estudo da arte paleolítica nos levou recentemente a desvelar um pouco mais do universo cultural paleolítico, com a melhor compreensão de certos signos presentes nas pinturas parietais (das cavernas) e que sugerem um sistema simbólico bem mais complexo e coerente do que se pensava. Descobre-se aí uma visão de mundo específica que não poderia ser semelhante à nossa, mas que de forma alguma pode ser dita inacabada.

Finalmente, ao observar de que modo uma releitura dos fatos pode redimensionar nossa visão do homem no começo dos tempos, aprendemos o quanto somos responsáveis pelo resgate de nossa própria origem e, portanto, pelo cumprimento de nosso destino.

Concluímos aqui nosso esboço incompleto de um quadro que apresenta a problemática do estudo da pré-história. Retomando a oportuníssima comparação de Leroi-Gouhan, do nosso conhecimento da pré-história com a remontagem de uma peça de teatro a partir do vestiário, parece que os horizontes que se colocam à nossa frente dependem cada vez mais da nossa capacidade de novamente contemplar o vestiário paleolítico e elaborar novas peças.

NOTAS

1. O Paleolítico ou Idade da Pedra é o longuíssimo período de tempo que vai desde o início, com os primeiros homens, até uns 9 000 anos a.C. É particularmente interessante o Paleolítico Superior, que começa em 40 000 a.C. e no qual podemos encontrar as primeiras manifestações artísticas.
2. Leroi-Gouhan, A., *As Religiões da Pré-História*, Edições 70, Lisboa, 1985, p. 71.
3. Idem, p. 31.
4. Eliade, M., *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978, tomo I, volume I, p. 25.
5. Termo usado por Eliade, op. cit., p. 22.
6. Sandars, N. K., *Prehistoric Art in Europe*, Penguin Books, 1968.
7. Leroi-Gouhan, A., ibidem, op. cit., p. 81.
8. Idem, ibidem, p. 87.
9. Clastres, P., *A Sociedade Contra o Estado*.

Estas são algumas das obras que a Palas Athena edita e quer que você conheça.

A ACEITAÇÃO DE SI MESMO AS IDADES DA VIDA (Romano Guardini)

Obra que integra de forma clara e objetiva a realidade psicológica do ser humano sem perder sua dimensão filosófica. O reconhecimento de: "eu sou precisamente quem sou aqui e agora..." e a percepção das idades: criança, jovem, adulto, velho, senil - faz com que a vida se apresente a nós como algo novo, única e jamais vivida anteriormente, indo-se para sempre. Nisso reside a tensão da existência. (104 págs.)

DINÂMICA DA HISTÓRIA (Cláudio De Cicco)

Sintetiza o maravilhoso sistema de forças e movimentos que envolveram a vida dos indivíduos e a organização das nações desde o Antigo Egito até a história contemporânea. Em apêndice: A Crise da Civilização Ocidental. (164 págs.)

FILOSOFIAS DA ÍNDIA (Heinrich Zimmer)

Um estudo profundo das principais correntes filosóficas da Índia. Divide-se em 3 partes principais: 1) O Bem Supremo; 2) As Filosofias do Tempo e 3) As Filosofias da Eternidade - Jainismo, Brahmanismo (Veda, Upanisad, Bhagavad Gita, Vedanta), Budismo e o Tantra. (484 págs.)

...QUE ESTÁS NOS CÉUS... (Ignacio da Silva Telles)

Um estudo pormenorizado desta frase: o Pai-Nosso, que nos conduz - com maestria - pelas realizações ocidentais da história, ora desvendando uma paisagem, ora insinuando o sentido profundo de um acontecimento. Obra corajosa e entusiasmada, daquele que aceita com humildade o destino dos feitos humanos. (56 págs.)

DHAMMAPADA - A SENDA DA VIRTUDE (Nissim Cohen)

Texto altamente estimado pelos budistas e não-budistas ocidentais. A exemplo de outras obras budistas, sua ênfase especial é sobre a boa conduta, estabilizada pela concentração e fortalecida pela sabedoria. "Não fazer o mal, praticar o bem, purificar a mente." Que religião não concordaria com isso? (290 págs.)

JAINISMO - VIDA E OBRA DE MAHAVIRA VARDHAMANA (J. C. Jain)

Gandhi se enterneceu profundamente com as belezas infinitas do Jainismo; Ahimsa (não-violência) e o Satyagraha (amor à verdade) são votos inspirados nesta religião milenar. Mahavira, mestre jainista, foi contemporâneo de Buda, e esta é a única obra sobre o tema em língua portuguesa. (120 págs.)

Últimos Lançamentos!

A CONQUISTA PSICOLÓGICA DO MAL (Heinrich Zimmer)

Reunião de histórias populares da literatura universal, cujo fio condutor é a preocupação comum com o eterno conflito entre o homem e as forças do mal. A obra deste amigo pessoal de Thomas Mann e Jung, principia com uma história das *Mil e Uma Noites*, que vai se desdobrando através das lendas do paganismo irlandês, do Cristianismo Medieval do ciclo do rei Artur e do Hinduísmo ancestral, culminando num mito clássico hindu de amor sobre-humano. O mal: estes contos - aterrorizantes, comoventes, cômicos - assumem as mil faces da alma humana para abordar esta questão fundamental. (232 págs.)



MINHA TERRA E MEU POVO Tenzin Gyatso - XIV Dalai-Lama

Esta autobiografia do XIV Dalai-Lama, líder espiritual e temporal do povo tibetano, relata através de fotos e texto a história de seu breve e tumultuado reinado que tem seu clímax com a invasão chinesa comunista do Tibete e o assassinato sistemático de seu povo e sua cultura. Inspirado nas idéias de Gandhi, sempre considerou impraticável combater a violência com violência, fato que não impediu o furor popular na tentativa de proteger seu líder. É um livro trágico. A derrota do Tibete se apresenta como uma severa advertência para todo o mundo. (256 págs.)

ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - S.Paulo, SP - CEP 04003

FONE - 288.7356

curso de

Introdução ao

Pensamento Filosófico

PROGRAMA

I – ÉTICA DO ORIENTE E DO OCIDENTE

1. Introdução à Ética do Oriente e Ocidente
2. Bramanismo
3. Budismo
4. Tibetanismo e Lamaismo
5. Origens do pensamento filosófico no Ocidente
6. Período cosmológico, mítico e antropológico
7. Aristóteles – hedone e eudaimonismo
8. Plotino – o paganismo filosófico
9. Kant – a razão e o dever moral
10. Conclusões

II – FILOSOFIA DA HISTÓRIA

1. O homem, a filosofia e a história
2. Mitologia
3. Passeios pela história:
 - a) A Antiguidade Clássica
 - b) A Idade Média
 - c) O Renascimento
 - d) O Iluminismo
 - e) O Romantismo
 - f) O Positivismo
 - g) A Modernidade
4. História e Arte
5. História, Utopias e Política

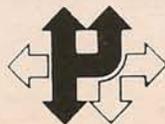
CLAUDE - NICOLAS LEDOUX
Painéis de Parede (1770-72)
Detalhes

AULAS SEMANAIS – INICIO TODOS OS MESES

Associação PALAS ATHENA

Rua Leôncio de Carvalho, nº 99 - Paraíso - SP - Fone: 288-7356

**NÃO PRETENDEMOS
CONSERTAR
O MUNDO.
SÓ NÃO
QUEREMOS
QUE ELE
CAIA.**



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - Rua Cândida Franco de Barros, 153 - Fone: 875-7392 - Freguesia do Ó São Paulo - SP